

DUAS VELHAS SENHORAS



AGOSTINHO BOTH

Este livro traduz, na figura de duas velhas senhoras, os conflitos e proximidades entre a vida e a morte. Hora significadas em velhas reais, ora em símbolos da complexidade da vida, Bioti, ora na simplicidade da morte, Tanati. O autor brinca com ambas e, quase sempre, mostra as funções trágicas de ambas, senhoras da vida e da morte. Esta tragi-comédia humana representa, em tudo, e de formas fortes o destino humano. Entremeiam-se a paixão pela vida e os descuidos andando á vontade pelas ruas da cidade e pelas estradas no campo. Escrevi o texto com muito carinho e solidariedade por todos que buscam fazer da vida seu objeto de paixão e respeito por dos que partiram rodeados de amigos e tantos outros por inimigos... sempre a contradição humana em busca de equilíbrio.

DUAS VELHAS SENHORAS

Agostinho Both

Passo Fundo
1ª Edição
Abril/ 2019

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Capa, diagramação e revisão: Tânia Du Bois

Arte da Capa: Desenho / Pedro Du Bois / 2018

B749d Both, Agostinho

Duas velhas senhoras [recurso eletrônico] / Agostinho

Both. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2019.

4,8 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-397-5

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira – Rio Grande do Sul. 2. Ficção brasileira – Rio Grande do Sul. I. Título.

CDU: 869.0(816.5)-31

SUMÁRIO

Apresentação	05
Duas Velhas Senhoras	07
Tanati e Bioti São Seus Nomes	09
Reciprocidade	11
Mito e Realidade das Duas Velhas	14
Bioti Desafora Tanati	17
Tanatusca Cansou	19
Tanatusca Alivia o Peso Mortal	21
A Festa Incompleta	23
Noites Obscuras Para a Vida e Para a Morte	27
Tristeza de Tanati	30
As Velhas em Torno do Sapo e da Borboleta	33
Entre a Vida e a Morte	36
As Duas se Metem em Dificuldades	40
Deus e as Duas Velhas	42
Conversas de Tanati	45
Bioti Expõe Algumas Ideias	47
Bioti Fala pra Valer	49
Bioti Excitada e Muito Ressentida	51
As Viagens de Bertoldo	55

Como um Leão Faminto a Morte o Cercou 63

Investigações de Bioti e Tanati 65

Poesia e Literatura 69

Tanati Defende sua Função 73

Biotiusca se pôs a Pensar 77

Diálogo com Tanatiusca 84

As Duas na Barca do Inferno 86

Morituri Te Salutant 88

VIDA e MORTE: O PODER da TRAMA

Agostinho Both, neste livro, abre e conduz o leitor através de vasta trama sobre a nossa humana trajetória, com os percalços, aventuras e a suavidade (ou aridez) com que ambas as senhoras costuram a vida e a morte. Em seu título o livro já nos coloca em contato com o nascimento e o fim, além da finalidade; *Duas Velhas Senhoras*, que surgem e permanecem conosco, lado a lado, na forma da avelã (fruta que se desprende do galho e rola livre pelo chão).

O autor desvela e abrange panorâmico ponto de vista com que engloba a sobrevivência. Trama de sensibilidade “fotográfica” a demonstrar a preocupação pela alma de quem celebra a vida, e contém em sua essência a morte: reflexão que ora condensa o saber, ora o sentimento e ora traduz a lado vivencial conduzido ao limite das experiências emotivas.

“Ao propor criar esta história sobre as duas personagens, vieram tardios nomes, estranhos nomes como estranhas são as duas figuras, ora em expansão ora em degradação. Ambas adoram causar espantos...”

A obra consagra o equilíbrio dos opostos, trazendo para o leitor a sensação de movimento e expressão, com variações de efeitos pelo determinar as diferenças entre ver e valorizar a vida, na função simbólica que nos abrange no jogo de reflexão ao mistério.

“... Então nascem duas velhas, criadas com carinho, transcendendo o universo das coisas. Elas começaram a me habitar melhor, se aninhar fazendo de mim a hospedaria provisória. Afinal, é assim mesmo, nada mais temos: apenas somos de passagem dizendo termos casa permanente”.

Estamos ante-expressiva obra, cuja representatividade o autor considera através do desenvolvimento da história, com o poder de tramar a vida como surgimento, até a expressão de sua relevante percepção e reflexo: a morte.

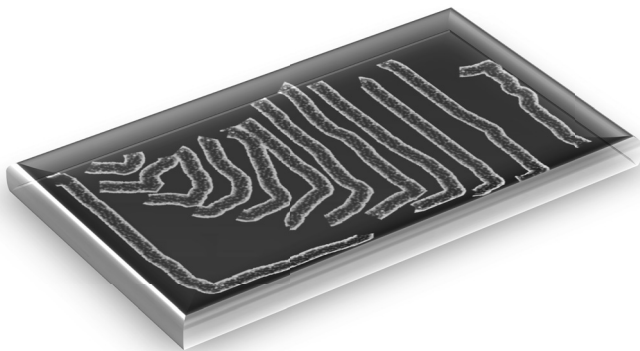
“... as duas velhas reclamavam de pernejarem solitas. A vida por se ver pequena e a morte por se ver grande demais...”.

Agostinho consolida sua obra e a consagra com maestria e visão de conjunto, despertando emoções no que é mais difícil de compreender, a morte e os sinônimos da fé em sequência dos fatos, de que precisamos recorrer para ilustrar a vida como criação.

“... se tiver Deus pedirei, olhando a sua infinita face: por mais bela que tenha sido minha morte, me dê de volta a vida”.

Tânia Du Bois
Pedagoga, articulista e cronista

DUAS VELHAS SENHORAS



*" Se por eternidade se entender não a duração temporal
sem fim, mas a ausência de tempo,
viverá eternamente quem viver o presente."*

(Iris Murdoch)

TANATI E BIOTI SÃO SEUS NOMES

A velha não era bem vista, entretanto, por ordem de diversos fatores, costumava marcar presença. As mulheres mais sensíveis da aldeia tremiam só por ouvir o seu nome. Ela sentia-se cheia de importância, havendo por ingratidão o temor da maioria. Por incrível que pareça, Tanati, Tanatiusca, para os íntimos, era essencial para a dinâmica existencial, social e política da aldeia ou de qualquer outra razão, sendo por isso crente na própria identidade. Não se afastava, sempre vigilante para prestar os serviços da vocação a que fora chamada por Deus ou pela Natureza, conforme o gosto de quem a considerava. Quando se via desprezada ou odiada, desculpava-se lançando a culpa em outra velha senhora, por sinal, muito desejada por toda população. Os jovens sempre querendo tirar o máximo das magníficas mãos dessa velha, sempre generosas e, muitas vezes, perigosas, ambivalentes, contraditórias, frágeis, horríveis quando onipotentes. Todavia, era preferida àquela que gerava o silêncio quando o tempo dizia basta. Essa senhora, dona da vida, carregava o dom de aproximar e de afastar, de maneiras diversas, famílias e vizinhos, comunidades e pátrias. Não poucos, inspirados pela dinâmica senhora, conspiravam contra si mesmos. Alguns a chamavam de Bioti, Biotiusca para os íntimos. Ela carregava, por vezes, um veneno deletério, era hora da primeira velha, sempre de olho, fazer-se presente, obediente à sua vocação. Era o tempo de lágrimas e, para alguns, de muita alegria. Apesar das muitas diferenças ou semelhanças, ambas viviam sempre juntas, seja na paixão, seja na morte.

Ao me propor criar esta história sobre as duas personagens, vieram tardios os nomes, estranhos nomes como estranhas são as duas figuras, ora em expansão ora em degradação. Ambas adoram causar espanto. Todos sabem da existência de ambas. Curiosamente a velha que faz chorar é abraçada tão fortemente quanto a que causa prazer. Por incrível que pareça, elas andam juntas. Divertem-se com a contradição. Bioti, quando em extremos cuidados, apresenta fragilidades, entregando os pontos para Tanati com certa facilidade. Aí, ocorre um fenômeno importante. O pessoal da aldeia, que possui poucos recursos, sofre por ter dificuldades em chamar Bioti, uma vez que ela é exigente. Quer o melhor, aprecia especiarias caras e meios nem sempre acessíveis. A bem da verdade, parece incrível o quanto Tanati ajuda Bioti, fazendo com que todos desejem estar de bem com a simpática senhora. Então, se diz que a velha Tanatiusca, por ser letal, costuma se aproximar quando ocorrem as constantes falhas de Bioti. Chegam tempos nos quais destemperos de toda ordem se precipitam a ponto de deixar Tanatiusca em sérias dificuldades para atender tantas despedidas. Chega a faltar terra para a morte. Piores tempos são aqueles dos políticos e dos cuidadores das boas leis quando são fieis a si mesmos. Biotiusca e Tanatiusca chegam a se espantar com os desarranjos da humanidade.

RECIPROCIDADE

Os postes de luz, de velhos, apodreciam. Não havia dia de vento que um deles não viesse abaixo. Era e é a vez da velha da morte. Para confirmar o exposto, narra-se de uma noite sem destino. Ventos loucos metiam todos em casa. Os cuscos calavam para não serem vistos. Eles sabiam: de um tempo assim coisa boa não vem. As rajadas mostravam a vitalidade da natureza quase em fúria. As casinhas sempre têm o que mostrar: o quanto a autoridade pública é devassa. A política é necessária, nada tem a ver, dizia o professor Raimundo: as pessoas eleitas é que prevaricam. Como os alunos não sabiam nada sobre o verbo prevaricar, não se pronunciavam, concordando com o professor, fazendo a denúncia cair no vazio. Uma velha de casinha miúda e frágil é que se viu louca na tempestade. Como acender uma vela com tanto vento? Pior resultou a seguir. Um pé da tempestade levou telhado e, outro mais violento, as paredes. Elas caíram sobre a velha. Apenas escoriações leves. Quando se levantou, os raios iluminavam a estranha cena da noite. Tinha tudo pra morrer e não morreu. Jamais associaria o desespero às prevaricações dos respeitáveis políticos. Alguém deveria gerar leis e práticas para garantia geral dos aldeões. O que esperar de uma senhora sem forças? Pior ainda: e se até a suprema corte mede o justo por intenções particulares. Aí sim, meu Deus do céu, será o inferno. Parece melhor uma comunidade ajudar a velhinha em sua necessidade do que esperar proteção pública. Para melhor garantia, segurava os trapos do corpo exposto ao vento. Assim, foi até o amanhecer. Um sol lindo surgiu no horizonte apagando a péssima impressão da noite.

Os passantes se enterneceram muito da velha. A prefeitura conseguiu reunir tábuas e telhas. Os vizinhos se cotizaram em favor de uma cama e colchão. Havia sobrado roupas da última campanha do agasalho. Tudo se resolveu melhor que o esperado. Pobre gente brasileira longe vai o temor servil... Vai nada, gritou um rapaz, se o servilismo mora dentro de casa? Enquanto isso, despertaram os últimos laivos de bondade e justiça na intimidade do lugar. Até o padre Arquemínio tomou como exemplo a nova casinha da velha senhora. Falou: se não fosse a ameaça da morte da velha Gertrudes a vida continuaria a mesma coisa. Assim, alguém se lembrou de fazer o bem. A morte serve para alguma coisa. Tanatiusca amou ser reconhecida na palavra do padre.

Eu piá, da quarta série do ensino fundamental da escola Barão de Cotegipe, ia decifrando os dias e, por incrível que pareça, fazendo ideias sobre o funcionamento da aldeia. É claro, não dizia minha teoria sobre a constituição do lugar. Tampouco teria conhecimento suficiente para avaliar as complicadas formas do ser humano e de uma pátria complicada. Apenas sabia que um pouco de vergonha não faz mal a ninguém. Pois o que esperar de um lugar onde a suprema justiça andava desavergonhada... Palavras do professor Quevedo.

Pois bem, numa dessas tardes em que me espreguiçava antes de fazer o tema do professor Raimundo Quevedo, espreitava, de bodoque em punho, as pombas saleiras namorando nos galhos da pitangueira. Ouvi rumores. Escondi-me temendo ser xingado por matar tão lindas avezinhas. Duas velhas passavam. A indesejável Tanati e a desejável Bioti discutiam bravamente.

— Que coisa mais atraente aqueles raios. Queria só ver a velha quase pelada ao vento. Não sei como o vento não a levou pelos ares, dizia Tanati.

— Tu não tens jeito. Não sei donde tiras tanta maldade.

— Maldade coisa nenhuma. Agora fica aí com medo de morrer. Não fossem os auxílios dos outros ficaria à mercê de outras ameaças. O susto é irmão da morte, faz bem por avisar.

— Se não fosse minha amiga desde criança, me afastaria de ti. Minha mãe perguntava: não tem outra amiga? Está sempre com Tanatiusca.

— Não me venha chatear! Que tua família também é cheia de problemas. Lembro-me de tuas tias; quase se mataram por causa de dois hectares de terra. Vi tudo espiando pela janela. Era paulada por todos os lados. Me deu uma baita raiva quando chegou teu avô pra segurar as duas. Torci pro velho ter um troço. Era ver a cara vermelha dele. Pensei: é agora que o velho se vai.

— Lembro também, passei uma semana ajudando esconder com cremes os hematomas das duas. Depois disso tudo ficou melhor. A vida continuou.

Eu aí, querendo matar as pombas, tive a ideia clara sobre as pessoas: algumas torcem para viver, outras para morrer. Ou, muitas vezes, vivem entre matar e viver.

MITO E REALIDADE DAS DUAS VELHAS

Cresci em inteligência e competência graças a uma instituição muito amável, a Sagrada Família de padres humildes, nascida em Grave, Holanda. Devo a eles o jeito e o tamanho de minha alma, simples como as alfaces ou o feijão colorido que, por ingenuidade da garotada, possuía um valor imaginário conferido pelos meninos mais velhos. Superei em parte o pensamento místico, quando via, em imagens, mais do que a realidade poderia conceder. Não perdi, entretanto, o principal do imaginário. E depois... de tanto andar e ver sempre me provocavam tanto a vida como a morte, esta que já por três vezes quis fechar meus olhos em definitivo.

Então, nascem duas velhas, criadas com carinho, transcendendo o universo das coisas banais. Elas começaram a me habitar melhor, a se aninhar fazendo de mim a hospedaria provisória. Afinal, é assim mesmo, nada mais temos: apenas somos de passagem, sem termos casa permanente. Aceitei porque foram incisivas nas explicações, tendo por base um universo fantástico, não menos real que as abóboras das roças da Linha Divisa de Santo Cristo. O que via nos alemães russos na minha infância eram também seres saídos das estepes distantes. Prefiro lembrá-los bem maiores dentro de mim. Quero assim ter minhas senhoras maiores do que apenas velhas semelhantes a mim. Prefiro carregá-las fugitivas da banalidade pelo pensamento infantil, sem abandonar o jeito divino. Tudo em semelhança ao pensamento infantil de quanto menino. Aos meninos, os seios das mulheres não se constituíam de mamas salientes. Carregavam mistérios de belezas exuberantes, nunca desnudos, ocultando

transcendências ou proibições divinas. Prefiro inspirar-me no herótico-religioso mandamento dos seios ocultados à piasada. Assim, as velhas senhoras Tanati e Bioti carregam transcendências nem sempre visíveis, mas que atraem, atraem.

Ambas se contradizem, e ao mesmo tempo, convivem por necessidade. Se estranham e se apoiam mutuamente. Enquanto guardam o cotidiano e a banalidade, se elevam em mistérios nas aldeias e nas metrópoles como Cingapura. Bem como são: simples como a terra, a água e o fogo, insofismáveis como as divindades. As duas não comungavam somente com a banalidade da vila. Nada se lhes passava em vão. Pra suportar as avalanches mortais não silenciavam as dores. Tanatiusca narrava a intimidade das violências como se ela própria sofresse com elas. Gritava até em sonhos por presenciar as mortes de jovens nas tantas guerras americanas, porque a Biotiusca não dispunha das mínimas ferramentas de uma linguagem comunicativa, oferecida a toda humanidade. A velha da vida facilmente se torna precária, muito precária, no uso das argumentações. Preferia perder-se em ódios primitivos a falar com propriedade. Tampouco conseguia sentir totalmente os seios das mães perdendo jovens enquanto estava viva a face e o rumor das primeiras palavras. Todas moviam os lábios, lembrando-as mal pronunciadas. As mães negras de Ohio entre lágrimas repetiam *mami* ou, brincando de procurar os meninos, trocavam *achei por ajei*. Acharam a última foto para não esquecer o último sorriso. Era isso que deixava a Tanatiusca muito mal. Reclamava de cansaço por enterrar vidas palpitantes, porque os mais velhos não sabiam o que fazer com ódios de tantas nações. Foram bem vindas as

revoltas dos jovens após as últimas e mais violentas guerras. Por isso, os sobrantes jovens deixavam de acreditar nas instituições e nos adultos que conduziam a pátria. Havia até felicidade nas duas senhoras quando ouviam os jovens em frente à casa branca gritarem. *Ei, Lindon Johnson, quantos jovens matou no dia de ontem?* Tanatiusca vivia dizendo para Biotiusca: por favor, tome cuidado, todas as diferenças não valem uma vida. Chegavam a ponto de elas, tão velhas e sábias, perderem a cabeça.

BIOTI DESAFORA TANATI

As duas, tão próximas, por vezes se cansavam uma da outra. Todos da vila puderam assistir o quanto as duas eram desbocadas. Sempre prontas para agir. Tanati teve o desprante de pretender parceria com uma escola inteira. A educação ia de mal a pior. A escola sem harmonia. Banheiros imundos. Foi o motivo da irritação tanatiana. Melhor morrer que andar num ambiente onde as crianças têm que usar banheiros em lugares tão imundos. Como pode a Biotiusca deixar desse jeito um lugar tão íntimo? Como pode uma criança aprender um mínimo de autoestima vendo paredes e chão tão indignos? A Biotiusca, como costumavam chamá-la, não gostou da agressão que se fazia sobre ela, não deixando de se defender.

— Puta que te pariu, sua velha desgrenhada. Vê se te enxerga. Vá agredir quem deixa tudo semelhante ao teu jeito. Quem faz isso se aproxima bem de teu perfil. Tu és amarga e andas sempre de mau humor. Gente de tua laia perverte crianças e velhos. Tu és quem se diverte com o azar dos outros e agora, ficas defendendo a dignidade humana. Não foi tu que riste do último acidente nesta vila? O Aristeu, bêbado como sempre, matou dois meninos de uma pegada só. Agora vem me xingar. Todos sabem que enlouqueço ao maltratarem quem quer que seja. Sou defensora da beleza, da limpeza, da harmonia e tudo o mais que traz alegria. Quem és tu pra falar em dignidade?

— Pois é, dona Biotiusca, que se acha a tal, *até quando vais abusar da sorte? Até quando abusarás de nossa paciência? Até quando abusarás de nós com tua audácia?* Imitava Cícero, o senador romano. Quem se

cansa de tanto sofrimento sou eu. Sei que estou sempre junto de falecidos, vendo todos os tristes acontecimentos. É minha tarefa fazer a limpeza geral. Estou cansada de enterrar tanto morto e me ver louca diante de tanta ameaça. É verdade, estou sempre por aí e até onde pode haver amor meto meu bedelho como, por exemplo, nesta história: havia um girino apaixonado por uma larva. Ela pedia, com ternura, para que sempre fosse delicado como era. O tempo, irreverente aos apelos, foi mudando e mudando o girino. Perdeu de vez o rabo e isso entristeceu a pobre larva. Te pedi pra não mudar e tu mudaste. Prometo não mudar mais, respondeu o girino, quase feito uma rã. Passada uma semana, eis que a larva não encontrou mais o seu amor. Muitas semanas se passaram e a larva se tornou uma borboleta. Sobrevoava todos os dias o lago das águas calmas. Pousou sobre um galho que se dobrava sobre a lâmina da água. A borboleta viu uma rã e perguntou-lhe se não sabia de seu amor antigo, pois faria de tudo para tê-lo novamente. A rã faminta saltou e devorou a borboleta.

Assim terminou a história quando a borboleta passou a fazer parte da vida da rãzinha. Mais uma razão que mostra o quanto a culpa é da senhora, metida como dona da vida. Andas descuidada, bem pior que a borboleta e depois me acusas de ser a culpada de tudo.

O povo que assistia as brigas sabia o que podia sobrar para os curiosos. Alguns até riam das duas, outros queriam ver a briga pegar fogo. Retiraram-se comentando: elas no final sempre se acertam. Andam juntinhas parecendo irmãs. Depois é a gente que leva a pior.

TANATIUSCA CANSOU

Como reclamava de cansaço e ninguém pra dar atenção, rebelou-se. A queixa dizia respeito também a dor: vivo de estômago embrulhado de ver tanta falta de cuidado. Assim me assoberbo de atenção. Não tem quem possa suportar tamanho peso. Não quero falar mal da Biotiusca, mas vive tão sem cuidado que me causa vergonha. No Brasil os guardadores do redil devoram as ovelhas. O maniqueísmo causa mortes pelo imaginário doentio e voam carnes de inocentes. É sangue de todos os jeitos perdidos em campos e em cidades. Ela deixa tudo rolar sem preocupação. Pelo menos é dela a responsabilidade por uma ética razoável. O que estou vendo por aí? Ela falando mal de mim. Que vivo fazendo sempre uma limpa. Parece que torço pelo mal das pessoas. Respondi: escuta sua gasguita velha! Se não fosse eu assustar as pessoas com doenças, o que seria dos médicos, das enfermeiras, dos cartórios de óbito, da herança, dos pastores, da santa igreja, dos cuidadores, das funerárias, dos floristas, dos farmacêuticos, das academias, dos vigários, das freiras, dos velhos e das crianças? Todos se pelam de medo de mim, mas se não estivesse de olho colhendo as pessoas como uma mãe, o que seria da humanidade. Não sou a culpada das guerras e dos fabricantes de armas. Faço o meu dever de dar lugar para todos. O que seria o mundo sem o medo de mim. Se com medo se matam, imagine o quanto se matariam sem mim. O que seria se ninguém quisesse dar lugar? Culpem a Biotiusca com seus fedelhos mal criados, afinal, eu compareço quando não tem mais jeito. Ainda bem que todos têm pressa em enterrar os falecidos, como se eles

pudessem ressuscitar. Assusto sim, que é para o pessoal se cuidar. Assim mesmo a descuidada fica de moleza. Não pensem que fico contente com tanta raiva campeando por aí. Não pensem que a desonestidade me faz bem. Quantos morrem por que ela não dá boa educação aos filhos da puta de tantos governos. Fica por aí fazendo de menos a tanto mal. Em tudo as condutas se assemelham ao tempo dos fascistas: matar e morrer se transforma em banalidades. Veja aqui no Brasil, é ladrão julgando ladrão. É de matar a última que vi: todos viram o roubo da bonitinha, do marido e do presidente, mas não viram o dinheiro. Faltava a prova material. São maniqueístas pensando que o bem está de um lado e o mal do outro e assim, seguem tentando provar que o mal não existe. Estou cansando de alertar e de carregar todos os dias tanta gente que deveria estar aos cuidados desta famosa Biotusca, enquanto a culpa recai sobre mim.

TANATIUSCA ALIVIA O PESO MORTAL

Ela possuía uma grande virtude. Apreciava ler sobre novas descobertas em torno dos avanços no livramento de doenças fatais. Ficava contente pelas vantagens dadas para a descuidada Biotiusca. Se fosse deixar por ela, nada disso aconteceria. A vida demanda esforços e ela anda descansada. Ainda bem haver alguns loucos por fama e conhecimento. Se não fosse por eles a vida média não passaria dos trinta anos. Mais interessante: as melhores descobertas se dão por acaso. É claro, alguns seres estão na frente: de boa atenção e razoável conhecimento conseguem ver melhor. Ela pendurou na parede a figura daqueles contribuintes do descanso de Bioti. Três imagens diziam respeito a celebridades na área da saúde: o químico Pasteur, descobridor de micro-organismos, o pesquisador da vacinas, Fleming, e o cardiologista Andreas Gruentzig, pioneiro no procedimento de angioplastia coronária para tratar de ateromas. Ao afixar a última imagem, Tanatiusca bateu na porta da velha da vida. As duas, não havia jeito, viviam próximas, ambas prestando serviços. Às vezes chegavam a duras interlocuções; só pra lembrar uma escaramuça entre as duas Biotiusca teve o desprazer de acusá-la de antissocial. Em resposta, ouviu: se eu não existisse muita gente não sobreviveria: todos os profissionais da saúde, todos da segurança, todas as mães chorariam, pois nem ao menos saberiam o que fazer com tantos velhos dentro e fora de casa. O respeito aos mais velhos se transformaria numa guerra gerontológica. Biotiusca dando uma de boa, não se calou: engraçado todos me querem bem, sendo tu um mal necessário.

— Pode parar senão, tu sabes, tenho boca grande.

— Está bem, deste jeito não consigo pedir um favor.

— Falas, antes que me canse.

— Azeda, quase sempre.

— Como?

— Esquece. O seguinte, dona Tanatiusca, sempre que preciso de teus préstimos, peço licença. Pretendo organizar uma festa em memória de alguns que tu levaste. *Adonde hai fiestas hai peligros!* Então, por favor, vê se tenha modos.

— Pode parar. Ao se matarem a pauladas e a tiros, acaso sou eu a culpada? Levo mais da metade por falta de cuidado de tua parte. Acaso fui eu que inventei as drogas? Foste tu a esperta querendo mais vida que o necessário.

— Que seja. Quero homenagear.

— Preciso saber a quem. Alguns do meu reino não valem nada. Quero que saiba: também tenho minha ética.

— Não é o que pensam por aí. Leva justos e injustos.

— Bem por isso, tenho minhas preferências. Sei o seguinte: os injustos ou inocentes não cuidaram ou não foram bem cuidados. A responsabilidade pela vida não sou eu, embora, é notório, ajudo-te pelo medo que toma conta da tua turma. Já imaginou se ninguém tivesse respeito por mim?

— Deixemos a conversa de lado. Vamos a que vimos. Dona Tanatiusca, falei: quero homenagear alguns da tua turma.

— Faça a festa que quiser.

A FESTA INCOMPLETA

Biotiusca deu início ao evento. Uma cantoria expressiva se fez ouvir. Até o Aleluia gregoriano de Cohen pretendia despertar a Deus. A dona da morte fora convidada e como tal se aquietou num canto. Detinha certo poder sobre a vida, porque sabia quem andava se achegando nela. Apiedou-se de si para si: pobre daquela garota, faz dias esconde doença, a que mais cantava, quase aturdindo a cantora próxima dela. Pobrezinha, tem medo de mim. Pelo rosto não é coisa grave. O baixinho do Biriva, vive me provocando. Tem um carro que o levará até mim se continuar a dirigir do jeito dele.

Fim do canto, Bioti iniciou uma conversa de cansar. Pior do que morrer é ouvir longos discursos. Fez-se silêncio e a protagonista maior da noite ergueu a voz:

Uma pessoa merece nossa maior lembrança. É o Epitácio Penteado, o homem que soube viver. Um poeta do cotidiano, vendo sem parâmetros tudo que via das casas, das alegrias contidas, principalmente quando se avizinhavam as festas. Depois delas continuava o mesmo. Fazia do trabalho uma diversão, para tanto, dou um exemplo, como no dia de levar a vaca para o touro do Laurindo. O que é que foi aquilo de ficar observando os apaixonados da hora. Veio a dona do touro dizendo que era pecado ver os animais fazendo vida. O piá escafedeu-se vendo a dona olhar as práticas naturais do touro e da vaca. Se Deus inventou a vida desse jeito, porque é pecado ver as coisas feitas por Ele. Estamos homenageando esta pessoa que desde menino providenciava leite para a família. Vamos enterrá-lo para sempre, mas não a história sagrada desta linda criatura. A

nossa comunidade xingou-o injustamente e brinca com a curiosidade de Epitácio.

Epaminondas, o clérigo, não gostou da conversa do touro e da vaca e do trivial feito: a velha Biotiusca poderia mostrar feitos de santos e seus milagres como a da senhora Gertrudes que, por meio de um anjo, visto ao anoitecer, despertou a maior devoção nos corações da piasada desobediente. O susto do piá Valentin que sentiu no corpo um raio partir um pé de amora ao seu lado. Nunca mais desobedeceu. Deus possui armas poderosas que poderia usar para afastar a corrupção.

Seu Penteado, crescido, sempre via longe quando as ameaças prometiam nos machucar. Quem foi o primeiro a levantar a voz para termos um hospital. Quem fez de tudo para aposentar a nossa parteira. Quem nos livrou do morticínio na ameaça de uma explosão de ódio na festa de Nossa Senhora da Paz. Foi ele ao gritar: é um EQUÍVOCO é um EQUÍVOCO. Por não saberem o que ele queria dizer, ficamos sem saber o que fazer, bastando um pouco de silêncio pra por a mão na consciência. Quem foi aquele que foi adiante em promover a amizade dos desafetos? Membros de famílias que nunca se amavam passaram até a se casar. Tirar o ódio dos corações vale nossa gratidão. Quem não se cansou de ensinar as primeiras letras? Quem fez dois bêbados pararem de encher a cara todos os dias? Quem foi o que mais afastou hematomas de surras em filhos, mostrando o poder da palavra? Quem sustentou a família com minguados recursos vindos do ensino? A burrice por quarenta anos foi afastada. Nossos filhos e filhas tiveram inteligência e princípios. Daqui não saiu nenhum ladrão. Quem fez as comunidades vizinhas terem por referência o nosso lugar? Desde menino aprendeu a

ser discreto. Aprendeu a não olhar para trás. Não se negou os serviços mais simples do campo. Trabalhou sempre humilde atrás do leite para todos. Nosso antigo professor está longe de estar morto. Pela inteligência e conhecimento teremos dele grande memória.

A seguir, Tanati falou com respeito: assisti a morte do professor!

Se fez silêncio. Não gostavam quando ela abria a boca sempre pronta pra levar vantagem sobre Biotiusca. Falou mais: preferia muito vê-lo em vida. Me desculpem, dizia sem convencer. Meu dever é apenas fazer justiça levando a todos sem distinção. Afinal, todos precisam dar lugar aos outros. É a minha função. Sou solidária.

Comentou também, em boca pequena, não ser bem assim a vida do reverenciado Penteado. Bom professor, mas ocultava-se o lado perverso: não adianta querer esconder o que anda à solta em todos. Ninguém fala o quanto a mulher dele teve que aguentar quieta. Comida escassa, enquanto promovia gestos sociais para os outros. Tomava decisões familiares sem consultar a doce Ambrósia. Enfim, uma intimidade pouco agraciada. Teve filhos por força de impulsos. Dona Ambrósia reclamava o lado austero, de pouca ternura familiar. Quem levava nos ombros os cinco filhos fui eu. Estou mais pra pimenta que pra ambrosia, ria escondendo a boca grande. Concordo com os benefícios trazidos, mas não foram suficientes para a intimidade da casa. Minha observação é mais acurada que a da velha Bioti.

Sisuda, Tanati retirou-se da festa. Mal havia dado vinte passos, ouviu-se um rumor recalcitrante e gritos abafados. Um tiro no ar fez a comunidade reunida se calar. Um dos filhos do professor ao ouvir a piada sobre a velha

história do touro e da vaca entendeu como desrespeito ao falecido. Tanati não teve dúvidas em abrir sua boca enorme: não disse que, se em casa não há ternura, as explosões acontecem ainda que tardias. Todos se penalizaram do Remígio, vítima da violência ocorrida num dia de festa. Ainda bem, que o tiro apenas acertou o chapéu do brincalhão.

NOITES OBSCURAS PARA A VIDA E PARA A MORTE

De tão velhas falavam latim: *Ibamus in nocte sub umbras, mors cum vita, similes sórores sunt.* Íamos andando em sombras da noite, semelhante a uma irmã, a vida é irmã da morte. Não sabiam muito: o esquecimento havia retirado o sentido das velhas lições. Andavam, porém, visionárias das coisas vivas e das mortas, fiéis ao destino humano de cumprir ofícios, cada qual conforme sua natureza.

Certas horas favorecem o estado de ânimo. Uma espécie de torpor inclui a vantagem de ver melhor ou, como na velhice, as forças se diluem e a vista se obscurece. As reações vagarosas permitem o que na juventude não se aceitaria. Alguns entendem a morosidade como sabedoria conquistada a muito custo. A controvérsia está em alguns entenderem a lentidão do pensamento facilitador dos sentimentos mais amenos. Ou, então, se calam pela dificuldade de reunir palavras... É a quietude da morte que se avizinha retirando o frescor dos lábios e o poder de trançar ideias conspícuas. Pois, desse jeito andavam as duas velhas, murmurando termos de toda ordem.

— A pior morte não é aquela das violências brutas em que o sangue chega a jorrar a um metro. Tampouco me comoviam aquelas de roldão em assassinatos ou em bombas explodidas em corpos cujas cabeças alimentam loucuras. Estou cagando e andando para o mundo, murmurou Tanatiusca. Que se ferrem. Sei de tua atenção, Biotica. Ninguém está aí para teus conselhos. O desânimo

é tal a ponto de nem se vacinarem. Mais parecem mulas pacientes pelo peso no lombo. Em breve morrerão sem piedade, nem ao menos os filhos chorarão, acostumados com o morrer, pois andam falecidos. Deixam crescer as unhas dizendo: elas não terão mais trabalho depois que nos enterrarem. Acho que irão ver os restos dos mortos ricos para ver se acaso encontram algum valor nos dedos ou na boca.

Biotica, assim chamada por Tanatiusca, quando andava com desprezo pela humanidade, revelou-se mais ácida nas críticas.

— Pois só pra ver: deixam morrer os viventes pobres como se fossem gafanhotos perniciosos. Falam elogios à vida da boca pra fora. Quando morre um deles cheio de precisas opiniões, sentimentos generosos e ações admiráveis, é de espantar: aceleram o enterro como se menos valessem do que cachorrinho de madame. Por falar nisso, a vergonha me deixa debaixo de uma pedra, a defunta sou eu. Morreu por esses dias um padre que de força mitológica ergueu uma universidade tirando leite de pedra, sabe Tanatica, um ano depois se esqueceram do homem. Cada qual anda preocupado com a própria figura. Parece sermos desprezíveis. Somos tão banais que mais vale o dinheiro do médico que a saúde do doente. Roubam dos hospitais ou de quem quer que possa alcançar um cobre a mais. Falo de alguns deles. Ainda sobram deles o suficiente para dizer existe uma esperança sem enterro.

Retornemos ao nosso destino, não exageremos nossa tarefa. Afinal não nos compete criticar nosso destino de cuidar e morrer. Digamos como Spinoza *Apliquemo-nos escrupulosamente, não em zombar, deplorar ou maldizer, mas em compreender os limites humanos; por isso*

consideremos as paixões e a morte não como os vícios da natureza humana, porém como propriedade que lhe convêm, tanto quanto o calor, o frio, a tempestade, o trovão, convêm à natureza da atmosfera. Sigamos nossos movimentos próprios de salvar e deixar morrer. Em cada uma de nossas ações, como foi visto, mostramos nossas virtudes.

— Que assim seja, Biotica, por mais contrariedade que tenhamos é melhor que o vazio eterno.

Veio um pedido estranho da parte de Biotiusca naquela noite de andares indolentes.

— Querida Mortusca, por favor não deixe de me atender. Vejo como um gavião distante uma paixão voraz de um gaúcho por uma mexicana. Te peço encarecidamente: não deixe o gaúcho morrer. Que fiquem os dois entre nós duas como se guarda uma lembrança inesquecível. Que morra de velho, mas não de asa partida. Que a mulher vele o marido dizendo: que brilhe o dia de amanhã.

— Está bem, dona vitusca, não carece de tanta onda. Posso me arrepender depois. Não é de meu costume fugir do meu dever. Nenhum dos dois morrerá antes do tempo.

TRISTEZAS DE TANATI

Ela amava narrar coisas de outro mundo. A matança da indiada me enchia de pena. Se é minha tarefa colher vidas, não deixa de me doer o jeito de tomar conta delas. Como, por exemplo, o que viu Rodrigo de Aguylar: tantos criminosos da história portuguesa e espanhola atravessando o oceano. Ao chegarem como heróis, mostravam um poder iníquo. Grupos recebiam os heróis da pátria distante com palmas de urticárias, renunciando as ardências das facas nos ventres nus. De nada serviam as conquistas, aí estavam os maiores da pátria portuguesa e espanhola, tão bem recebidos: coisa própria dos fracos afagar os fortes. Eles diziam uns aos outros: vede como nos amam. Os príncipes da madre igreja abençoavam os criminosos, vistos como símbolos do cristianismo conquistador. Eu, pobre morte de todos, bem que não desejava recolhê-los, mas a ordem dos meus desejos é menor que a onipotente decisão dos reis bem alimentados. Esperava, sim, o momento oportuno para juntá-los em urnas para vê-los apodrecidos como os índios mortos. Esses eram meus projetos principais. A maioria morria, por tarados tendo doenças do sexo, vindas de luxúria ofensiva às índias. Febres de vírus desconhecidos apreciavam também as peles da nobreza que se esparramavam pelas matas e campos. Pois então, saibam todos, sou velha e meus costumes têm preferência: amo o pobre índio morto a faconços e a pobre mulher morta de doenças europeias. Preferia vê-las morrer a andarem perdidas, desordenadas pelos matos e pelos campos. Não sabiam quem eram e a quem pertenciam. Cansei de ver a devoração de coxas índias dadas aos cães. Era o meu serviço ver tudo isso e

fechar os olhos tanto do capitão do mato, como dessa gente a morrer sem saber por quê. Então, me digam se não sei da vida?

Biotica, assim dita quando apequenada, ouviu o discurso da companheira Tanati, assim dita oficialmente, não tendo como não chorar: é verdade, carrego em mim pretensões indevidas e impulsos de vergonha. Não me venham acusar da miséria da humanidade. Carrego talentos admiráveis. A história busca aliviar-se do peso das circunstâncias maléficas. Meu Deus, até mataram o filho predileto da divindade pra ver se melhorava e deu no que deu. A resposta é tosca. Tento medir os seres humanos pela igualdade, mas parece difícil chegar a bom termo. A vontade das pessoas está carente de direções. Desse jeito a comadre redobra o trabalho, pois o matar tornou-se banalidade. Isso quer dizer que minha amiga Tanati fica mais apressada nessas circunstâncias em que eu me vejo louca, quando certas tendências humanas são avassaladoras. Assim aconteceu na China, na Alemanha e seguidamente certos lugares perdem a cabeça. E o que dizer de Stalin matando ucranianos de fome... milhões e milhões? Por outro lado, existem tempos, isso não é raridade, pessoas vão perdendo o ânimo, como se nada mais importasse a não ser arrastar chinelos de um canto para o outro. Tanati não sabe se leva ou se deixa esses zumbis andando por aí parecendo a alma descendo pelo rabo. Então, não se sabe se eu ou Tanati queremos ficar com essa gente. Nem tampouco os diabos ou os anjos quererão levar essa multidão de molengas. Tem aqueles entre eu e Tanati que não sabem o que são, de memória perdida, atando um balão na perna antes de dormir só pra saber quem são no dia seguinte. Eu e ela, portanto, temos

sérias dúvidas em muitos outros casos, de não saber com quem certas pessoas estão, se comigo ou com ela. Mesmo em nossa vila, alguns são miseráveis de corpo e de alma que não vale a pena discutir se têm validade pra vida. O que dizer de certas mulheres das quais escreve Garcia Marques: *mulheres que põem seus corpos de vacas mortas para que a gente cumpra com seu dever enquanto mulheres continuam descascando batatas, então gritam às outras que me faça o favor de dar uma olhada na cozinha enquanto me desocupo aqui porque o arroz está queimando, só se o senhor achar que essa merda é amar meu General. Digo-lhe isso por coragem sabendo que vou morrer. Não sou como os outros que lhe fazem reverência na frente escondendo pistolas por trás.*

Me refiro deste jeito pra dizer de minha dúvida sobre quem vive ou quem morre, se são os homens abusadores ou as mulheres abusadas. À vezes, a espécie humana faz com que eu tenha desejos de desistir. Que a morte descarregue a todos num buraco pra faltar aos micróbios de maneira rápida! Ainda sonho, como Jesus com uma raça humana a transcender as misérias, mas parece que existem tempos nos quais homens e mulheres mais preferem morrer que viver.

Que cada um carregue dignidade e derrame a mesma em torno de si, *pero le digo*: escrever serve apenas para desabafar e brincar como aparece a seguir.

AS VELHAS EM TORNO DO SAPO E DA BORBOLETA

Tanatusca convidou Biotiusca para tomar uma cerveja depois das reflexões antes referidas.

A senhora da morte tomou o primeiro gole e refletiu:

— Tenho a meu favor uma questão importante, senhora Bioti, as mudanças rápidas nos velhos costumes põem em perigo a vida. O mais engraçado: muitos costumes pegam rapidamente. As medidas da exatidão nem sempre prevalecem. Parecem um sino que toca e o badalo sempre nas extremidades.

— Mas do morrer é coisa de louco, se externou Tanatusca. Não me refiro somente às mortandades físicas. Falo também das mortes afetivas. Por exemplo, essa liberalidade sexual. Não sou avessa às decisões tomadas ou ao que a natureza tenha predisposto. Mas a liberalidade sem culpa em não ter filhos ou tê-los e descartá-los antes de se completar o nascimento ou a mera inclinação levada pelo modismo homoafetivo retiram quantas vidas? Não me tenha por preconceituosa. Não falo dos homo por decisão da natureza, por favor, me entenda. São mortes desejadas. Se os mais sábios dos gregos não tiveram em grave questão a direção da sexualidade, por que vou eu dizer a minha verdade. Escuta amiga Vitusca, de onde tiramos que Deus se preocupa tanto com as decisões da ternura ou a respeito dos prazeres particulares?

— Deixa-me brincar a respeito de mudanças, dona mortusca: existe uma história interessante da larva e do girino. Os dois se apaixonaram; cada qual pedia que não mudassem de jeito. Que sempre fossem iguais no tempo

que tivessem por todo o tempo. A paixão dos dois não admitia mudanças, entretanto, mais pode a vida e a morte que as pobres pretensões. O girino tornou-se sapo e a larva, borboleta. Apesar dos apelos a que permanecessem no estado primeiro do amor, a vida se encarregou de mudar tudo. Ambos não se conheciam por força do tempo, das distâncias e da natureza. Certa manhã, o sapo sentiu fome e ao ver uma borboleta pousada num ramo próximo da água, fez dela o café da manhã. Devorou o amor passado.

— É isso aí, dona Bioti! Por quanto tempo se é criança? Lá morre a infância ficando apenas lembranças e alguns costumes mais fundos. Vem a juventude e então é aquele esparrame de coisas, sonhos e sonhos, em alguns a própria angústia, caminhos são delineados e abandonados, jeitos se alteram, até darem em meus braços. Se não houver na vida algo mais trágico, vamos até à velhice. Aí começa um périplo danado para que não me caiam no meu colo tão rapidamente. Depois... Você sabe. Se a velhice saudável se prolongar, a família agradece. Se, ao contrário, for um peso, ficam quietos, mas por dentro comemoram a morte feito um gol. Cansei de ver depois o time se desfazer em brigas pelos sobrantes trocados. Cansei de receber alguns dos parentes cheios de balas nas disputas por pouco.

— Tu não prestas, dona tanática. Sempre mostrando o lado perverso da humanidade!

— A culpada é tu com tuas maneiras de ser. Às vezes, nem o diabo acredita no que estou vendo.

— Exijo mais respeito. É a vida que tenho pra administrar. Se mataram Deus, feito simples mortal e nada adiantou! Acha o quê?

— Nós duas bebemos demais, alertou Tanatiusca, quase falecida. Vamos parar por aqui. Imagina se eu te mato ou tu acaba comigo? Deixa que eu pago a conta, estou acostumada.

— E vamos ver. Da próxima vez pediremos uma cerveja melhor, reclamou a dona da vida.

— daquelas que os políticos bebem em Brasília.

— Já tá enrolando a língua, Biotica querida e falando mal da vida alheia. Me segura aqui. Estão me chamando com urgência.

— Que esperem!

ENTRE A VIDA E A MORTE

Pra vida, como pra morte, tudo pode se complicar. As dobras plissadas se multiplicaram e os tecidos quase sempre suados. Tanati e Bioti, andavam juntas pra ver acontecimentos, afinal nada lhes escapava.

— Bebeu muito, onde é que se viu, dona Tanati. Agora estamos nessa bruta dificuldade. Tudo se precipita.

— Culpo mais teus descuidos. As mortes foram resultado da tua distração.

— Me dê uma mão, do contrário não dou conta de tudo. Nossa! Alguém sempre paga qualquer dos meus descuidos.

— Está bem. Vou acelerar o medo e tu o cuidado. Vê se agiliza leis com severas punições. As estradas, os policiais, os avisos, os focos de ameaças, a vigilância, os costumes, a disciplina merecem atenção. A maioria dos políticos é apenas fiel a si mesmo. Não cuidam mais da cidade. Vou me impor de maneira visível. Entretanto sou inevitável. Sou boca grande, que posso fazer quando a consciência é pequena? Vou inspirar mais medo... Muito mais, que a situação está um horror no Brasil.

Dias após a bebedeira das duas senhoras, a morte parou em razão da ressaca. A vida, pela mesma razão, continuou sem cuidados, ainda que por breve tempo. Os mortos iniciaram rapidamente a se multiplicar. Se o esteio ético não fosse acelerado entre os povos, comunidades, famílias e pessoas, a vida perderia seus dependentes de forma assustadora e a senhora morte não teria pernas pra dar conta dos falecidos. Por esses dias se matam até por vontade política, queixava-se Tanatiusca.

As ameaças sobre Bioti e as visitas de Tanati se aceleravam entre os refugiados vindos da África e do Oriente Médio, em direção a Europa, o que em poucos anos poderá levar a um colapso socioeconômico sem precedentes.

— Lá, roubos nacionais matavam à semelhança dos campos do nazismo. Infelizmente uma guerra se fará necessária ou estaremos diante de novo holocausto global! Assim falavam, de boca pequena, os europeus dos brasileiros. A cada dia, Trump mostrava o cerco de seus mares e das fronteiras fechadas. Dias horríveis expressavam a imensidade de almas afastadas da vida. Dona Tanati parece ter desistido de avisar Biotiusca sobre tais acontecimentos. Chegou a dizer para o amigo Horror, o campeão de muito susto: que se fodam todos, não suporto a humanidade tão miserável e egoísta. Quando vejo os botes de borracha soltos nas águas do Mediterrâneo deixo de acreditar na espécie humana. E não adianta gritar: socorro, socorro, me tirem daqui. O que foi no Camboja e o que foi o Vietnã?

E nós por aqui? Avaliava Bioti. Este é o maior conflito. No Brasil tudo começou por sua história de vícios, onde mais vale a amizade do que as leis. Chegou ao ponto de a suprema corte desautorizar julgamentos de políticos em todas as instâncias, concedendo o direito de roubar sem punição. Os vigilantes da ordem eram desautorizados com facilidade. Punam a todos os devedores! Foi um rebuliço, se não fosse trágico, seria divertido. vontade.

Bioti deu saltos de raiva. Diziam os políticos: nós é que criamos as leis. E a lei que fizemos nos isenta de punição. Temos proteção para que ninguém nos puna e desse jeito faremos leis justas, doa a quem doer. A

proteção pretendida saiu pela culatra: foram apenas fiéis a si mesmos. A fidelidade era ausente de ética, longe da reciprocidade. Bioti, muito atenta, apenas tomou água. Tanati preferiu uma tônica, fortalecendo-se para ver o que aconteceria. A beira de um riozinho surgiu uma história consagradora da ilusão humana.

— Console-se, amiga Tanati, a sorte humana de muitos foi lançada muito além do Rubicão. Olhe para os acontecimentos perto do Jordão. Nós costumamos elogiar Davi. Só pra ver: a boca dele louvava a Deus quando a mão matava sem parar.

— Sou ignorante desta tua conversa.

— Da história da vida, entendo eu, instou Bioti. Como todo morto é logo esquecido, assim tu, Tanati, sofres do mesmo mal. Tantos morriam em Israel, quanto em todo Oriente. Veja dois acontecimentos: Davi se baseava em três heróis matadores. O primeiro, Jesboão, brandiu o machado contra oitocentos homens, matando-os de uma só vez. Depois desse, Eleazar, filho de Dodo, filho de Aoí. Achava-se ele em Efes-Damim, quando os filisteus se reuniram ali e foi aquela matança. Depois Sama fez o mesmo. Haja filisteus para diversão dos matadores. Depois Davi pediu água pra beber. Foram os três roubar água do poço dos filisteus. Trouxeram-na a Davi. Pode isso que aconteceu? Ele não quis beber. Ofereceu a Deus a água buscada entre perigos. Estranhezas dos poderosos. Os seres humanos carregam convulsões doentias, meditaram as duas. E, nós que devemos nos haver. Bem que o Senhor Deus, ao fazer o ser humano, podia ter feito coisa melhor.

— Cala-te, senhora morte!

— Mais do que estou?

— Não menos terríveis são os poderosos daqui. Não brandem machados. Retiram a melhor água, a melhor educação, a melhor saúde e os melhores hospitais. Não matam filisteus matam-se os irmãos.

— Em tudo semelhante ao que fez Júlio de Castilhos no Rio grande do Sul, xingou Bioti. O seguidor Getúlio da mesma ideologia morreu não admitindo um líder como Osvaldo Aranha, louco para assumir o melhor poder. Deu no que deu. As confusões de 1954 não pararam até hoje. A licenciosidade pública dificulta mais o bom poder que dificultavam os filisteus a Davi.

— Paremos por aí. Quem somos nós para avaliar e remendar o que nem Aristóteles ou Jesus conseguiram remendar. Sigamos assim, tu Tanati com teus falecidos e eu com os meus, desejosas de contar melhores histórias.

— Continuemos sonhadoras. Tu com teu cotidiano e eu com meu sonho eterno. Digo em semelhança a Borges:

*Olho este querido e bonito mundo
Que se deforma e se apaga
Em desmaiada cor cinzenta, escura,
Dado ao sonho e ao olvido.
Espero pelas águas de Heráclito
Que tragam as mudanças necessárias.*

AS DUAS SE METEM EM DIFICULDADES

Por andarem confusas com tantas preocupações, Deus chamou as duas às falas. Duro pesadelo, semelhante à danação dos condenados de Dante. Tanati viu-se em extremos de angústia pior do que os moribundos da pior espécie. Raios se partiam sobre a sua cabeça.

— Prefiro fechar meus olhos como a tantos fechei, gritou a quem quisesse ouvir.

— Pois bem, minha senhora. Andas de ofício exaltado. Decidi sobre o tempo e sobre o espaço. E tu, Tanati, explicas, o que te deu pra tanta exacerbação.

— Por que me fala assim de voz tão forte, far-me-ei toda ouvidos. Tenho hipérboles, mesóclises e tramas de linguagem. Fale às claras, que entendo todas as linguagens.

— Sou teu Deus.

— Sei disso. Sabes de eu apenas cumprir a tarefa a mim designada. Se se avoluma a morte peça, por favor, para a senhora Bioti, porque sou apenas consequência das responsabilidades dela.

— É fácil tirar o corpo fora. Tu sabes que pode provocar situações ameaçadoras. Se bem observo, ainda ninguém perdeu por completo o cuidado de si.

Tanati, cansada, adormeceu depois do pito sonhador. Sonhou-se poderosa, atravessando paredes e rios de velocidade inaudita. Conseguiu introduzir costumes, atenções, perdões, leis de urgência. Despertou policiais, alertou perigos, inspirou cientistas, agilizou a mão dos cirurgiões. Enfim, saiu-se bem, muito além de sua natureza cotidiana.

Novamente foi despertada, ouvindo a voz do Senhor.

— Isso que fizeste em sonhos, podes fazer acordada.

— O Senhor está me tirando do sério. Bem mais do que eu, pode a velha Bioti em seus exercícios de atualização na prevenção e nas intervenções.

Biotiusca, penalizando-se de Tanatiusca pelos atropelos do Senhor, falou:

— Assim farei, minha companheira.

Bioti de igual maneira foi alertada por força do Espírito Santo. A exemplo de Tanati agilizou-se toda, prometendo ao Senhor não olhar para as dificuldades, apurando mais os talentos salvadores.

Enfim, ambas, bem recomendadas, cada qual à sua maneira, buscaram agilizar recursos ainda não havidos.

Para comemorar o sucesso diante das inúmeras dificuldades tomaram um liso para acalmar, que a tensão deixava os nervos nas últimas. As velhas nunca haviam dado tanto de si. As circunstâncias atropelavam a natureza bastante sofrida.

Tanatiusca, entre resmungos, soprou: Ele, o que tudo pode, faça a vida mais valiosa e cuidadosa. Cadê a solidariedade para com suas velhas?

DEUS E AS DUAS VELHAS

Ultimamente as duas velhas reclamavam de pernejarem solitas. A vida por se ver pequena e a morte por se ver grande demais. Pela antiga crença de haver um Pai sobre todas as coisas, se sentiam no direito de ter mais proteção: Bioti por não poder tomar conta da saúde e a velha Tanati por ver-se cercada por todos os lados: desse jeito vou acabar me sentindo culpada pelo silêncio sobre montanhas e vales. Sabiam das lutas humanas pra a longevidade. A velhice cercada por diversas proteções não conseguia, apesar de tudo, afastar a progressiva fragilidade. Bioti pôs em dúvida a validade de estender-se tanto por conta de tanto sofrimento. A entrevista com o Pai resultou em vão. Disse ter feito bem o que havia feito. Que as duas se houvessem com os recursos dados e as conquistas da biologia.

— Te falei, Biotiusca. É coisa complicada aperfeiçoar sozinha o povoamento da terra. O pobre homem de Belém tentou reverter o quadro apontando para os limites do tempo e nele o dos homens. Deu no que deu, foi morto a chicotadas por interesses de sacerdotes, por medo dos romanos, antes que esses acabassem com a raça deles. Não sei se até não houve uma taxa a mais, cobrada ao sumo sacerdote, para acabar com o homem das críticas em desfavor da antiga lei.

— Caso complicado, Tanati. Jó ouviu de Deus: a distância entre vocês, homens, e eu é maior que a diferença entre vocês e o monstro marítimo, o leviatã. É precária a justiça divina quando o poder é perverso. Li todo o Jó. A bondade divina parece desaparecer pro final do livro para vir uma breve consolação.

— Sobra a maneira mais solidária de resolvermos nossas questões. Nos basta levar com humor e da melhor maneira o que nos oferecem os costumes, a solidariedade e a nossa inteligência, ainda que precária. Que venha uma política de efeitos sociais e econômicos. Não deixem para o Estado, pois a competência mora no povo. Deixe pra política apenas regular as iniciativas, sem esquecer aqueles de menor agilidade, não te parece assim? Ultimamente, Tanati, sem querer te desprezar, tu és caixão. Nem vacinas estão tomando. Isso me faz lembrar certos animais suicidas. Em 1958, um documentário divulgou que lemingues, pequenos roedores herbívoros escandinavos, se jogam em precipícios. O treinador dos golfinhos do seriado de televisão Flipper, em 1963, afirmou que um dos animais da produção, uma fêmea, afundou no tanque e ficou sem respirar até morrer por não suportar mais o cativeiro. Em 1978, 200 ovelhas, na cidade de Regio Emilia, na Itália, saíram correndo do pasto, como se ouvissem uma voz de comando e jogaram-se no rio Crostolo.

— Não sou tão pessimista, Biotiusca. Sempre existirão aqueles mais humanos que os famigerados da Alemanha e da Rússia que levam determinadas populações a aceitarem a morte como se alguém tivesse o poder maior sobre o destino humano. Acho melhor, senhora da vida, deixar para a sociedade civil dar tudo de si para resolver as questões econômicas, sempre mediadas pela vigilância do Estado. Apreciaria encontrar políticos honestos, sem ideologias premonitórias. A ideologia, crença limitadora da análise e do discurso, é pra matar. Ciência e solidariedade, sim!

— Paremos por aí. Meu discurso é pobre. Tenho que enterrar os mortos. Silenciam tanto os ideólogos e os melhores pensadores. Mas, confesso ter visto com estes olhos imortais, enquanto mortais forem os seres humanos: jovens sonhadores tentando acabar com a instituição erguida por seus pais. Vi enterrarem o padre provedor dessas ideias consolidadas. Ouvi o líder, em gritos, defendendo sua ideologia. Por certo mais defendia seus interesses. Assim aconteceu e sempre acontecerá. Quando manda a ideologia a razão se oculta e eu a recolher o resultado final dessas governanças.

CONVERSAS DE TANATI

Vivem me perguntando sobre os últimos acontecimentos a respeito dos mortos. Me sinto mal em dizer: nada sei, por mais próximo que esteja o final. Ao contrário do Rubicão, proibido de passar, no transe final todos irão atravessá-lo. Alguns resistem, mesmo não tendo mais forças para espernear. Mas permanece o que Júlio Cesar exclamou: os dados foram lançados. Interessantes são as perspectivas. Diante de todas me calo devota, por respeitar opiniões. São Paulo diz, *“Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais como os outros que não têm esperança.”* Daniel vê um pouco diferente: *uns para a vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno. No Eclesiastes o autor também é resiliente a qualquer afirmação. “Pois os vivos sabem que morrerão, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco têm eles daí em diante recompensa; porque a sua memória ficou entregue ao esquecimento. Tanto o seu amor como o seu ódio e a sua inveja já pereceram; nem têm eles daí em diante parte alguma do que se faz debaixo do sol. Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças porque no Seol, para onde tu vais, não há obra, nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria alguma”.* Oseias é mais humilde: *“A compaixão está escondida de meus olhos”.* João é mais positivo: *“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.* Se fôssemos estender as diversas opiniões faltariam páginas, não sobrando árvore para tanto papel; vamos rapidamente adiante ver o dramático João explodir:

“mas, quanto aos medrosos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos adúlteros, e aos feiticeiros, e aos idólatras, e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago ardente de fogo e enxofre, que é a segunda morte”. O único a gastar enxofre com os condenados. Não vamos expor outras opiniões como a dos espíritas ou em Emanuel Swedenborg. Tampouco ouviremos Virgílio avaliando a história da morte em Eneida. Nem tocaremos em Dante, pois em tudo são oferecidos pratos diferentes a servir na bandeja da morte. Me consolo com João no Apocalipse: *“Ele enxugará de seus olhos toda lágrima; e não haverá mais morte, nem haverá mais pranto, nem lamento, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas”*. Sobre isso, eu, Tanati, comprovo também. Firmo ainda na beleza sonhadora das visões de João: *“Aparece uma Mulher revestida do sol, a lua debaixo dos seus pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas”*. Salve Maria, sonho de encontrar a mãe da humanidade. Melhor de todas me veio a ideia de um Deus comunicativo, o promotor de mudanças. Mesmo ele detestando fechar questão nas instâncias de céu, inferno e purgatório. Uma eternidade para sustentar tão pouco.

Não me chamem para mais nada ao tratar das almas; tenho o suficiente nas despedidas dos silenciosos da esperança ou apenas dos quietos a atravessar o Rubicão. Sobre tais dados nada tenho a dizer. Posso avaliar como sonho e dentro dos sonhos como uma poética de casa sonhadora.

BIOTI EXPÕE ALGUMAS IDEIAS

Sou mais complicada que a Tanatiusca: a simplicidade da morte diverge das complicações produzidas em mim. Desde que me reconheço humana, vejo-me muito dividida, entre a razão e a irracionalidade, entre o aprendizado e o esquecimento. Dizem do meu maior valor, a comunicação, onde se estabelece o princípio da argumentação: a lógica e a invenção superando impasses pela inovação.

— O que acha, Tanatiusca?

— Como sempre você é muito complicada, mas continue.

— Não me atrapalhe, deixe-me matutar. O meu pensar carrega a informação por onde passei. Tenho a criação como argumento para a liberdade, entretanto ela pode ser viciada por certezas impostas pela tradição. Quando as certezas se impõem absolutas, poucas pessoas escapam desse cárcere privado. O pensamento cria a fé e de pouco ou nada adiantam argumentos. Vejam as queixas de Tanati nos países tomados por convicções absolutas: os antissemitas, os socialistas e os capitalistas radicais. O aprendizado ético então se perde pelo pensamento egocêntrico. A reciprocidade, perde o vezo da solidariedade. O que mais mata é a crença da superioridade de alguns sobre outros, quando a irracionalidade comandada pela paixão, então se matam gratuitamente, tendo o poder como último argumento.

Chega de meu discurso pernóstico. sei dizer o quanto de violência persiste na história da humanidade. Chegam momentos terríveis quando nações se impõem, prevalecendo a força sobre o diálogo edificante. Então,

você se cansa de enterrar mortos. Como na Alemanha, na China, na Rússia e no Brasil, quando partidos e empreiteiras dividem entre si despojos estúrdios e imorais, deixando a educação e a saúde à deriva. Aí, você fica enlouquecida de tanto trabalho. Que não nos tenha a merda dos séculos daqueles que reverenciam autoridades perversas como se diante de salvadores. Só faltam dizer como diziam os gladiadores ante os imperadores: *morituri te salutant*. Os que vão morrer te saúdam.

BIOTI FALA PRA VALER

Pra início de conversa tomo coragem de iniciá-la com Garcia Marques em *Doze contos peregrinos*. *Sonhei que assistia ao meu próprio enterro, a pé, caminhando entre um grupo de amigos. Parecíamos felizes por estarmos juntos. E eu mais que ninguém, por aquela grata oportunidade que a morte me dava de estar com amigos da América Latina, os mais antigos, os mais queridos, os que eu não via fazia tempo. Ao final da cerimônia, quando começaram a ir embora, tentei acompanhá-los, mas um deles me fez ver com autoridade terminante que, para mim, a festa havia acabado. “Você é o único que não pode ir embora”. Só então compreendi que morrer é não estar nunca mais com os amigos.*

Falo assim porque um dia se fará o maior silêncio. A angústia do morrer costuma habitar em todos. A fantasia, a louca da casa, não é mansa quando começa a se bobear. Açulada pelo medo de desaparecer, Tanati provoca assombros completos e incompletos. Lembro um sonho no qual eu morria, Santa Maria, mãe da pobre gente desconsolada, que coisa quase física era aquilo. Me doía tudo ao ter de deixar minha casa. Mais me convulsionou o peito quando alguém falou: não quero dizer nada, mas o carro fúnebre está aí na frente. Santa Maria, mãe da alegria, acordei! Prova-se o quanto, uma vez quieta a consciência, Tanati pode provocar sentimentos desagradáveis. Ainda bem que, quase sempre, segundo Freud, estamos convictos de não morrermos. Mas não tem jeito quando a pele começa a mostrar, outras partes a silenciar e mais outras a falar aos gritos. Reflito, sobre

coisas bem melhores, porque não há coração que agüente a picante dor da ameaça.

Neste momento Tanati, escondida numa toiceira, abriu a boca grande:

— Não seja boba, sua velha tonta. Sou apenas um tremor ou para muitos o silêncio. Morrer é mais simples que uma brisa leve. Se pensar bem, como falamos tantas vezes, é um gesto de solidariedade. Todos têm direito a uma boa viagem. O tempo é um presente da eternidade. A coisa é simples, mulher. Até acho que a vida e a morte são palavras femininas porque os homens são covardes, não querendo pensar sobre nós.

— Pelo que tenho lido, comadre Tanati, alguns homens, ao contrário do que pensamos, apreciam a morte. Alguns gaúchos da fronteira, conforme Borges, se matavam rindo. Dançam com facas e facões enquanto debocham um do outro segundos antes de morrer.

Chega de conversa, dona Tanatiusca, vou ao baile pra ver o quanto é bom viver; só espero não haver a soberba de valentias.

BIOTI EXCITADA E MUITO RESENTIDA

Não convidei a Tanatiusca pra este baile. Muito simples: ela é metida à besta. Costuma estragar a festa. Quero um baile só pra quem gosta de dançar e amar. Conheço bailes de chumbo grosso pra derribar bicho grande e olhares invejosos. É gente olhando o tempo todo pros vestidos e badulaques. É verdade, uma mais pobre que a outra, em tudo igual a terreno de sapo: costume de andar de cócoras. Isto é, por pior que se ande, alguém se acha sempre o melhor.

Vamos ao baile! O senhor Rissoto, dono do salão, pagou uma banda afinada. Afiançou-me haver somente simplicidade e alegria. Convidou só gente boa.

— Convido quem eu quero pro meu salão. Ninguém vai sabotar nossa dança, falou confiante.

— É isso aí, seu Rissoto. Só gente fina como eu.

— Não exagere, que por estas bandas ninguém tem muita estrela.

— É, mas quem pode negar minha eternidade de luxo neste corpo antigo.

— Dá muito esforço preservar a juventude. A senhora sabe o quanto custa manter a vitalidade.

— Por isso não lhe pedi pra convidar a velha Tanatiusca. Ela anda muito desbotada e costuma desbotar quem quer que seja.

— Ela anda se quebrando pra consolar este mundão de gente que anda pelas beiras, quando não tem mais jeito. Ela tem Deus como garantia com um pingo de esperança.

— Não é como a gente que tem Deus e o lado bom da vida.

— Bem, me dá licença, vou levar a banda a afinar os instrumentos.

— Nossa! A coisa é de arrasar. Até saxofone estou vendo.

Vinha se chegando o Bertoldo, enquanto seu Rissoto orientava a banda.

— Olhe, compadre Bertoldo, isso é que vai ser baile bom. Um saxofone de chorar no ombro é suficiente pra estremecer o coração de prazer. Sabe, tenho um segredo. Sinto as pernas comicharem, e me vem um tremor louco pra me satisfazer.

— É hoje, dona Biotusca!

— É hoje. Pena que meu falecido se foi. Acho que a velha Tanatiusca rogou praga. Ela parece uma gaviona chimanga. Se acerca dos vivos com a maior cara de pau.

— Que é isso, comadre? Fique comigo esta noite e não pensemos nela.

— E sua mulher?

— Me separei hoje.

A velha Bioti se dobrou toda para não perder as curvas de Bertoldo.

O baile produzia efeitos agradáveis nos pares contentes quando o sax se expressava. Bioti ao sentir o tremor louco, encostou-se em Bertoldo pra apaziguá-lo, deixando o homem de rubor indisfarçável.

Um grito se ouviu: escuta comadre, isso é jeito de abraçar meu marido? E tu, malandro, dizendo que ia inaugurar os remos do barco de pesca, vindo parar aqui? Bem fez a Tanati em me avisar dos perigos da vida!

O silêncio foi bruto. Apenas o contrabaixo confabulava solitário, ampliando o pesado clima. Tanatiusca espiava pela janela rindo ressentida.

Pra Dona Bioti não sobrou outra coisa: retornou pra casa muito abalada. Ressentimento solicitando vingança.

Dia seguinte, as duas velhas se encontraram. Biotusca, enfurecida, dirigiu-se para Tanatiusca:

— Sua invejosa. Não tem vergonha do que fez?

— Do que se trata pra me culpar de algo que não sei?

— Foste tu que avisaste a comadre Invidia da traição do marido.

— Não tenho nada a ver com isso. A Invidia é tua amiga e comadre. Não sou parente do mentiroso do Bertoldo e nem de tua comadre. É tua família. Imagina se ela tivesse levado o revólver. Ela é perigosa. Mudando de saco pra mala: quando ele irá inaugurar os remos?

— Sua pestilenta! Bem que podia deixar que eu ajudasse a inaugurar os remos do barco. Se não foste tu, quem a teria alertado?

— Escuta Bioti, faz parte de tua casa essa gente intriguenta. Tome cuidado, que a coisa poderia ser pior.

Dia seguinte Bioti foi ter com seu Rissoto, que bem ao seu feitio, ria cheio de humor.

— Bem que podia ter me avisado que o bandido do Bertoldo não havia se separado, seu gringo mão fechada!.

— Te vi tão animada! Achei ruim te avisar sobre o perigo. Não sabia da desconfiança da dona Invidia sobre o marido. Não venha me culpar. Apenas pensei que fosse tudo combinado... coisas de comadres. Tanto assim que ao vê-la entrando, mal percebi a fúria do ciúme. Também faz parte da vida, Biotusca. A gente não sabe mais o que pode acontecer.

— Vai à merda tu também, antes que fale pra tua mulher dos presentes que a vizinha Gertrudes recebe.

— Pode falar. Já falei pra minha mulher do presente que dei pra consolar a viúva neste Natal.

— Por favor, não cometa esta ofensa a Jesus. Assuma a verdade. Não esconda do Menino Jesus a tua intenção. Ainda tu vai me pagar a raiva que passei. Tu não sabe o que é uma velha ressentida.

AS VIAGENS DE BERTOLDO

Pois bem, Vidia, como também chamavam dona Invidia, inaugurou os remos numa noite de lua cheia. Bioti ouviu a notícia, e não deixou por menos. Te cuide que com esses remos o barco pode afundar.

Bioti tem muitos parentes, alguns ousados, outros raivosos, outros carregados de paixões de rebentar o coração. Se não entenderam, é bom entender: sou Bioti, carrego todas as formas, das mais simples às mais complexas, das mais certas às mais estúrdias. Por mais que eu cuide, todas acabam nas mãos de Tanati: a solução final. Ela tinha em Bertoldo um filho louco da vida, de natureza aos trancos e de costumes aos barrancos. Pior de tudo, de inteligência rara. Trabalhava numa empresa distante quilômetros da casa onde morava com Invidia. Dois filhos, muito desejados, eram seu principal cuidado. A mulher sabia do caráter dele. Dizem alguns maldosos que Gaspar Silveira Martins era desse tipo. Metido à bem bom. Contam até que uma mulher preferiu-o a Deodoro da Fonseca, o que lhe valeu a fuga para a Espanha. Era valente, mas do sargentão do Deodoro podia se esperar de tudo. Deodoro começou a mandar e o Gaspar resolveu se mandar para a Espanha, que de um homem ressentido tudo se pode esperar; ainda mais, quando um deles é preterido e depois pode quase tudo, como se tornou costume no Brasil. Criou-se a república, mas, na verdade a coisa não é tão pública. Por esses desmandos históricos a pátria pouco amada sofria e sofre com as autoridades onipotentes. Disso se conclui que, por mais amáveis que sejam as mulheres, sempre ronda perigo ao redor. Cuidado é bom remédio. Que mal compare Gaspar com

Bertoldo; veremos que, Bertoldo, como Gaspar, vai pagar sua inclinação mulherenga.

Estou enrolando em vez de acompanhar Bertoldo e sua digníssima senhora Invidia. De alguns tempos vinha Tanati de olho nos destemperos dele. Bioti, é de seu costume, vivia em riscos pra sentir adrenalina e prazer de intensidades pouco recomendadas, sem atender aos avisos da comadre Tanatusca. Assim é, assim será: grandes proximidades levam sérios perigos. Ainda mais juntando tempos difíceis, diz a velha Tanati... tempos de matar e morrer.

Como indicativo mortal: Invidia não permitia que mexessem com os remos de seu pescador, homem de talento, representante da empresa de Transformadores de Alta Tensão; muito prezado pelo dono da fábrica Luz e Vida: via Bertoldo com admiração por muita competência em vendas. Fora indicado para iniciar a venda de transformadores no Oriente.

Quem for de pouca virtude costuma se agregar com pessoas de igual fragilidade. Em Singapura, primeiro lugar na busca de clientela, Bertoldo, conforme reunião adredemente combinada, encontrou-se com uma senhora de um empreendedorismo ágil, responsável pelas compras. Admirou-se do jeito expressivo em ser atendido. Durante a viagem encontrara outra mulher, linda de morrer, diria Tanati. O coração pulsou, mas não pra impulsionar qualquer afeto mais ousado. Por sorte ou azar do destino, reencontrou-a no restaurante próximo ao edifício da senhora negociadora. As distâncias e as proximidades podem agilizar impulsos, controlando os viventes bem mais que a religião ou qualquer outra instituição. Disso se comprovam os eventos seguintes.

A viagem de avião fazia esquecer as conversas do amor caseiro. Singapura era grande demais para lembrar intimidades familiares. Telefonou para Inírdia dizendo-se admirado da recepção da vendedora. O sucesso de Bertoldo, porém, compusera sentimentos onipotentes. A paisagem do poder oriental fez dele o quinto tigre asiático. Pensamentos fortes o atingiam com a força de um vendaval. Se aí existem os mais ricos do mundo, ele, bem aí, se impôs com os transformadores. Um pensamento o atingiu: por que não posso me ver maior do que sou? Percebeu o quanto a mulher linda insistia em olhá-lo, durante a janta. Após a refeição, a mulher com quem viajara de avião tomou-se de coragem e foi saudá-lo. Marta, seu nome, pediu para sentar ao seu lado. Bertoldo agradeceu o convite.

Um prazer sentar-me contigo, correspondeu com entusiasmo!

A conversa teve laivos de amores escondidos. Comentários fartos e posteriores afirmaram com insistência ter havido influências de Bioti a ponto de transubstanciar-se a alma de Bertoldo. Seu corpo tomou-se de levezas e leveduras nunca dantes produzidas. Bioti, velha onipresente, não suportara a humilhação de Inírdia. Acompanhou em sonhos a viagem de Bertoldo, insuflando amores nunca vistos durante aquela semana. Marta, a mulher de sangue asteca entreverada às loucuras espanholas transfigurou-se por efeitos bióticos. Também ela teve sucesso em representar uma empresa asteca. Oferecia para venda de uma empresa mexicana, cerveja artesanal a gosto dos orientais: com sabor quase místico. A bebida carregava o conhecimento asteca associado a tecnologia avançada, mais elaborada que a tequila.

Assim se passaram cinco dias de conversas. Ela negociando a cerveja asteca e ele o transformador gaúcho. A noite ofereceu o maior negócio asiático, muito mais atraente e menos material. Na primeira noite ela se revelou a mulher de conversas amenas, regada a vinhos. Na segunda noite ele a convidou para conhecer algumas atrações noturnas. Na terceira noite surgiram os primeiros apelos para a intimidade. Na quarta noite a intimidade foi completa. Na quinta noite não distinguiam quem era um quem era o outro, tamanha a fusão de interesses físicos e espirituais. Um casal feito por Bioti com sua inteira condescendência, escondendo animosidades. O espírito tanatiano, não menos atento, pressentia resultados. Eu não tardo em tais circunstâncias, dizia para si mesma. Em situações complicadas posso me dar ao luxo de promover o desenvolvimento, por outras vezes, acerto em cheio: morte na certa. Pra não dizerem as más línguas de eu ser uma triste solução, alertei Bertoldo sobre a armadilha que a vida o envolvia. Pressinto a amizade de Invidia com Bioti. Cuidado com a inveja repetia o pastor para Invidia, mas quem guarda muito o coração? Esse é um lado perigoso do amor. O ressentimento é inimigo de qualquer perfeição nas relações afetivas, particularmente as sexuais. Ele apenas encantou-se com os apelos do perigo. Bertoldo invectivou contra Tanati que o alertava à distância... Ich, a distância é muito grande para saberem dos acontecimentos, desculpava-se o homem das eletricidades. Para um grande amor as distâncias são pequenas e, para o ódio, ainda menores. Os extremos se tocam facilmente, filosofou a velha da morte.

Assim fizeram amores ternos e violentos, como tentativas de um ter para sempre o corpo do outro,

entretanto, mal perceberam existir a tempestade afetiva. De tempos em tempos, fazia vir o Bertoldo para agrado da companhia Luz e Vida. Infalivelmente, vinha também a Marta, trazendo novidades das bebidas extravagantes do México. A essas alturas do campeonato de vendas, a dona da empresa, compradora de Cingapura, havia conseguido transformar a energia de Bertoldo em seu favor, ressentindo-se Marta do desafeto. Tendo Bertoldo feito compras e amores orientais, voltava muito arrependido das extravagâncias com as duas mulheres estranhas a sua casa.

A casa chamava por Bertoldo. Invidía não cansava de lembrá-lo dos filhos. Diferente da casa de Marta, onde ninguém clamava por sua presença, exceto pela última vez. Os afetos se transfigurariam no México fazendo Marta se inclinar para um descendente asteca da cor de cobre e de amores densos.

Na volta de Marta e Bertoldo para suas casas, voltavam juntos até Frankfurt. A dor da separação batia diferente: ela chorosa e ele prometendo não a esquecer. Apenas da última vez ele a viu com menor lástima. Para ela, Bertoldo, uma divindade achada no Oriente, para ele, Marta era uma aventura. Agora invertiam os papéis. Cada vez mais próximo da casa, em Bertoldo a figura terna de Marta se perdia em favor da compradora singapurense. Nela se fazia uma questão categórica: olhava nas calendas em busca de novas compras em favor do vendedor. No final de tantas viagens orientais e de tanta iluminação, minimizaram-se as vendas. Próximo da terra gaúcha, encantava-o cada vez menos o conglomerado humilde de casas e a austeridade dos edifícios que oferecia menor proteção e familiaridade. Ao adentrar em casa a festa

definitiva de matar saudades mostrava-se cada vez menor. A promessa e os liames fabricantes da alma, agora sem encantos. Os dois filhos se comoviam pela história repetida de um pai cansado de tanto vender. Dia seguinte à primeira ida aos impérios orientais um telefonema:

— Como estás, mi ternura?

— Bem, Marta.

— Estás rude.

— Stoi com mi mujer.

— No te olvides de mi, por favor.

Depois das últimas idas até Singapura ouvia o balbucio terno de Alisa, a grande compradora. Assim como fora com Marta, agora a conversa era com Alisa, a mulher que sonorizava um singlish comovente. Ele repetia o que já fizera com Mexicana:

— Escucha-me, Lisa. *Forgetme*. Me esqueça.

— *Esso no se hace a una mujer que te ama*, repetia Lisa, a mulher de tantas línguas.

— *Con tão respeito, Lisa: buenas noches, i no me tengas mas en atención, por favor.*

— *Eso no restará así. Voi a tu casa a conocer tu familia.*

— *Yo no vivo en la misma habitacion. Por favor, me olvide.*

— *Jamaas!* Foi a última palavra da mulher de Singapura.

Quem a essas alturas do campeonato amoroso mais se divertia era a danada da Biotiusca. Ria-se com Tanatiusca ao comentar: o bichão acha que sexo é pra dividir com todo mundo. Bem feito. Pior, tudo anda perdido entre as três. Sonha com as três. Esgota-se com as três. Quem mandou fazer passar-me pela humilhação, dizia

Bioti, vingada. Maior riso está reservado para quando farei dele um ser encantado por este corpo aqui. Tanatiusca não se jogou ao chão porque havia chovido. Gargalhava para alegria da população. Enquanto a morte se ri toda, ninguém morre, debochava Biotiusca.

Como havia a ideia de morar num apartamento melhor, assim foi feito para surpresa de dona Invidia e dos filhos que amaram a ideia. Realizado um empréstimo por vinte anos, com seguro e tudo mais, que os bancos não pregam em caibro podre; tudo na maior segurança capitalista.

Meio ano se passou; a família se encaminhava tranquila. O filho mais velho, Roberto e a Cibele, quase moça, avançavam em conhecimentos. Ele estudante de direito e ela, dizendo-se mais ambiciosa, não saía dos livros, pretendia medicina. A mãe feliz com o sucesso do marido. O filho brincava com o pai, chamando-o de resplandecente em razão de suas viagens para vender transformadores. A paz sobrevoava a casa, entretanto, em Bertoldo ressoava a palavra *Jamasss* de Lisa! Não foram poucas as noites de acordar em pesadelos. Invidia acalmava-o e ao ser perguntado sobre o que havia, ele respondia: Naaada! Grande preocupação e desconfiança mostravam-se cada vez mais. Depois dos eventos em Singapura tremia só de pensar em andar com outras mulheres. Uma obsessão o perseguia: a palavra **Jamasss!**

Parecia anunciar-se dentro de si que era necessário morrer. Nos sonhos se confundiam a imperatriz do oriente com serpentes mexicanas. Não deu bola. Num hotel em Singapura, em nova viagem, a mesma senhora, negociadora o recebeu e outras remessas de transformadores foram solicitadas. Bem que isso poderia

ser feito por qualquer email, reafirmou mais de uma vez o dono da empresa. Timóteo, o chefe, avaliava: Bertoldo, vai ver que a tal senhora negociadora aprecia ver-te mais que os transformadores. Ao viajar pela quinta vez para o mesmo destino, pressentiu o que o destino havia reservado, mas sabia estar velho, mais semelhante a um fantasma do que um grande vendedor. Sonhou ser um pássaro veloz.

Pior, bem pior para Bertoldo foi o ressentimento de Biotiusca. A língua da velha não conseguiu segurar as notícias orientais. Ao dizer sobre seus interesses pouco iluminados, fez de Invidia uma cobra perigosa. Para piorar a realidade, atendeu o telefone do marido. Mal acreditou ao ouvir. *É su esposa?* Daí, até invadir o celular do marido, foi um passo. O resultado não se fez esperar.

COMO UM LEÃO FAMINTO A MORTE O CERCOU

Biotusca cercou-se de três mulheres, perigo à vista, para depois desculpar-se: A velha Tanatiusca não é fácil!

Todos estranhavam a quantidade de policiais na frente do hotel em que Bertoldo se hospedava. Um corpo foi levado de ambulância. O espanto do dono da empresa de transformadores foi grande ao ouvir a voz de um inglês mal posto: Uma bala atravessou o ombro. Bertoldo foi ferido no *Hotel Bencoolen*, traduzido pelo dono da empresa, como *Ficafrio*.

O consulado brasileiro comunicou duas horas depois: ao anoitecer uma mulher se hospedou, pagando a conta muito cedo na manhã do dia seguinte. Em tono da hora na qual Bertoldo fora encontrado com uma bala na altura da omoplata. Às oito horas chegou Lisa, avisando haver marcado encontro com o homem latino.

A empresa foi acionada pelo filho, solicitando que procedessem o traslado do homem ferido. Assim foi feito. Por maiores que fossem os apelos para que se revelasse o criminoso, esse não foi encontrado. Apenas, souberam descrever a figura indiática da mulher da conta paga pela manhã e de outra, semelhante a ela. Assim, passaram-se cinco anos.

O filho do Resplandecente acompanhou-se de um delegado com pretensões de Sherlock Holmes. Passados dois anos de investigações particulares, para chegarem à conclusão nenhuma com a supérflua informação de haver sido uma mulher indiática muito velha e outra semelhante a esta. Instou junto às autoridades de Singapura, mas a desculpa foi até jocosa: não sabem o que fazem tantos

latinos ir tão longe para levar tiro. Jamais encontraram segurança nas conclusões. O único consolo encontrado por Marta foi desconfiar que houvesse rivalidade de interesses na venda de transformadores para Singapura. Invidia recolheu seu pássaro ferido, em razão da asa machucada. Para maior consolo, o dono da empresa a confortou reafirmando o pensamento de Invidia: os invejosos preferem serviços dos gangsteres. A esposa buscou saber: o que tem a ver a mulher indiática? O que tem a ver a vendedora mexicana ou a mulher de falas orientais com o tiro? Os adversários se servem de mulheres de toda espécie para despistar o verdadeiro matador, senhora Invidia. Para Cibele, a médica de plantão no maior hospital de Singapura não quis aprofundar o caso, convencendo o filho do transcendente Bertoldo: tudo passa por algum equívoco, consolando-o com a permanência do mistério. Jamais saberá a origem e o fim desta tentativa de homicídio, falava sem maior interesse. Para Invidia a solidariedade desandou por lembrar o telefone e as informações sobre as índias metidas com o marido.

INVESTIGAÇÕES DE BIOTI E TANATI

Bioti sabia bem mais sobre Singapura que os agentes daqui. Tanati não carregava qualquer dúvida, faltando somente as circunstâncias sobre o balaço. Não suportando as relações havidas entre Bioti e Bertoldo, foi colher informações pra enriquecer seus alfarrábios. Afinal, sobrevoava altaneira, buscando saber sobre as malandragens da vida. Por tal deficiência, buscou Biotiusca.

Marcaram encontro numa cabana próxima aos antigos cepos do coletivo barranco, lembrança da passagem dos primeiros imigrantes. Os plátanos, marco da história, mostravam a beleza amarelo-vermelha da natureza. De ano em ano autoridades iam até o local para agradecer aos falecidos pela coragem de desafiar o destino dado pela pobreza. Agradeciam até aos bois de passos pesados em razão das carroças sobrecarregadas. Discursos cansativos lembravam as mães e os partos feitos com coragem, pois as mulheres contavam apenas umas às outras. Não havia medo e todo ano se repetia a mesma história: discursos longos rememoravam os feitos. Se os falecidos escutassem tão longas conversas prefeririam o silêncio em suas covas. Rigorosamente semelhante ao outono, quando as folhas das árvores recobriam o telhado de abas caídas com uma camada de folhas douradas, a vida se tornou convidativa a diálogos profundos das duas velhas. O que se sucedeu, nem tão solenes e profundos como se saberá.

Acabadas as homenagens aos protagonistas falecidos, sobraram duas velhas e o vento carregando

folhas amarelas dos plátanos, cansados de adubar as raízes das árvores e os túmulos dos primeiros moradores.

— Ainda bem que vieste, xingou Tanati. Ultimamente, você anda muito perdida

— Pudera, sua velha mal desejada. Você costuma retirar a boa vontade de qualquer um.

— Cala a boca, senhora linguaruda! A imoralidade é que faz parte de tua companhia. Eu apenas cuido do último sopro. Minha participação em qualquer mal é o último recurso. Tem mais, tu foste descuidada. Quem é que andou cercando o Bertoldo no último baile? É tu que se aproveita da própria fragilidade me convidando pra estar em cena. Te digo mais. Garanto que falou com Bertoldo antes que ele partisse para Singapura. Faz o favor de contar mais dessa misteriosa violência. Fala pra mim, que desabafar faz bem quando o coração anda sobrecarregado como o meu. Sei que você anda dividida entre o bem e o mal; por qualquer tentação os homens abandonam os melhores costumes. Falei do perigo em que ele estava se metendo. Fala pra mim, sou quieta como um túmulo...

— Não me venhas com desculpas, senhora Tanatiusca, pondo em mim as razões do sofrimento da omoplata do nosso amigo que, desde então, anda de asa caída. É você que vive com este olhar misterioso, cercando as pessoas. Posso falar neste lugar ermo e saudoso. Meu Deus, como tu és dona do desaparecer, fazendo-se de inocente. Sou eu que ando perto dos perigos, do poder e da paixão? Tenho parte nisso, mas ao final tua participação é decisiva. Por detalhes o homem não viu o seu fim em Singapura.

— Pera aí! Por exemplo, eu nada sabia sobre os acontecimentos de alguns anos atrás antes de Bertoldo

estar em Singapura. Ele era teu confidente e, pelo que soube pela senhora Invidia, rolaram cenas desagradáveis. É verdade, me dava bem com o azarado. Te confesso que entre mim e tu não existem segredos. Então, te conto, uma vez que andamos sempre juntas. Quando ele foi pela primeira vez no *Hotel Bencoolen* daquela cidade, me confessou uma paixão flutuante com uma mexicana. Depois, li a declaração do recepcionista postada em jornais daqui. Tudo a ver com a descrição de Bertoldo. É pena que a morte é quieta e fingida. Faz de conta que ama e mata. Não te contradiga, faladora. O amar e o matar conta a tua participação.

— Eu apenas esfrio o corpo e fecho os olhos de tuas criaturas. E quer saber de uma coisa, não sei se tu não aprontaste. Usaste de qualquer arma para ferir o ombro do Bertoldo. Depois, vai insuflando alternativas nas matadoras. Até o filho do resplandecente desconfiou de Lisa, a terna voz da compradora. Assuma de uma vez a tua participação, senhora Biotiusca, a desqualificada. Para mim bastam as palavras esclarecedoras de tua boca, que anda torta de tanto enganar. Ninguém me convence não ter sido tu a atiradora. Pela velhice que te acompanha não mataste por não ter o pulso firme. Como anda extraviada, até creio ter sido tu a criminosa. Vendo Invidia, a caseira do amor, vendo Lisa a poderosa senhora e a intimista Marta, ficaste invejosa e matadora. Não mataste que teu braço anda fraco de tantas maldades. Apenas derribou a asa do homem.

— Nós duas sabemos de tudo, pobres são os investigadores, querida Tanatiusca. O que mais impressiona é a rapidez com que todos querem se desfazer dos feridos, e mais rápido, dos falecidos. Deixe-

me contar a transcendência de tudo. Só Deus para explicar: Paulo viu Ele como uma luz que o derrubou, João como um sol que resplandeceu, Teresa de Jesus, banhado em luz tranquila. E tu ultimamente, só vê escuridão. Se tivéssemos o esplendor de Deus, realmente saberíamos como tudo é ou será. Poderíamos, então, saber se o filho do carpinteiro foi Deus de verdade ou apenas invenção de Constantino. Tudo em nós estaria esclarecido.

— “Só sei que nada sei”. Meu momento é curto e certo. Não carrego tuas incertezas e culpas. Tenho dó de tua vida, senhora Biotiusca.

— Sim, tenha dó de mim. Sinto culpa por causa de Bertoldo, o querido. Acertaram somente a asa. Duvido que não estejam tramando o pior. Conhecendo vocês, Biotiusca, loucas por vinganças... Se uma mulher mata por ciúmes imagine quatro delas prontas pra devorar Bertoldo.

POESIA E LITERATURA

Nos rápidos intervalos as velhas senhoras prezavam o fortalecimento espiritual em antigas escrituras, que ninguém é de ferro. Pudera! Novos eventos preocupantes se sucediam cada vez mais. Descansavam, então, antes de reencontros infinitos desta e do fim da vida. Ambas apreciavam a poesia e o diálogo edificante. Tanati chegava a chorar, apesar de estar acostumada com tanta lágrima e sangue. Quando Churchill prometeu aos ingleses, suor sangue e lágrimas, falou pouco. Momentos brutais se repetiam diariamente, muitas vezes no campo e principalmente nas zonas periféricas das cidades. Ninguém somou as mortes na brutalidade das vilas.

Se as areias de Dunquerque e os campos de concentração revelaram a face perversa da vida e da morte, inspiravam, por outro lado, forças de recuperação da dignidade como o aparelhamento de missões quase impossíveis, mostrando o quanto é difícil minimizar a irracionalidade humana. Essas questões e outras bem agradáveis ocupavam a mente das velhas senhoras. Distraíam-se, como os pássaros na primavera, com histórias de amor. Outras vezes, Tanati trazia histórias inacreditáveis de suas amigas: a tristeza, a compaixão, a angústia e os amigos, como o medo e o horror. Ambas, derramavam lágrimas a ponto de se lhes queimarem os olhos. Não custava para Tanati encontrar histórias de toda sorte. Bioti chegava a se consternar de como ela, ao mesmo tempo, trazia movimentos contrários oferecendo esforços para além da morte. Ambas arquitetavam, nestes eventos fortuitos, formas melhores de convivência. Bioti concordava com Tanati quando esta dizia:

— Sou necessária e desejada; não fosse minha participação, em curto espaço de tempo, não haveria lugar para todos. Assim, sou solidária dando condições às crianças crescerem pra tomar lugar dos mais velhos.

— É verdade, mas quando te precipitas nas guerras e nas comunidades carentes e nos governos espúrios, tem dó, exageras.

— Não vamos brigar outra vez: és tu que te agita e te contradizes pelos instintos arcaicos que te habitam.

As duas silenciavam e retomavam com textos brilhantes sobre a esperança e o amor. Liam tragédias bem feitas e poesias serenas. Apreciavam textos de Yourcenar e seus contos azuis e orientais. Bioti abriu uma das páginas dos Contos Orientais e leu:

— Você está toda molhada, minha jovem, disse-lhe o príncipe, colocando a mão sobre seu ombro.

O contato daquela mão tão conhecida a fez tremer da raiz dos cabelos até a extremidade dos dedos dos pés nus, mas o Genghi acreditou que ela tremia de frio.

— Venha até minha cabana, você poderá aquecer-se junto ao meu fogo, se bem que ele tenha menos brasas do que cinzas.

A dama o seguiu, tomando cuidado em imitar o andar de uma camponesa. Por fim os dois se agacharam diante do fogo quase extinto.

— Estou cego. Você pode, sem escrúpulos, retirar as suas roupas molhadas e aquecer-se despida.

As duas velhas comentaram, apenas, o final da história. O príncipe, ao morrer, fora cruel em citar todos os nomes das esposas anteriores, menos daquele que se parecia a uma camponesa. Por isso, *lágrimas salgadas devastavam-lhe o rosto como uma tempestade de verão e*

seus cabelos arrancados aos punhados voavam como fios de seda.

Não havia dúvidas em ambas as velhas: a pior realidade, a mais devastadora é a falta de reconhecimento. O príncipe solitário morreu cego. Recebera todo o cuidado, mas sequer Genghi pronunciara seu nome. O nome da princesa era adequado: A Dama-da-Aldeia-das-Flores-que-Caem. Bioti ficou triste porque a última mulher, a mais fiel, gastara parte de sua vida a um homem cego e ingrato. Tanatiusca, apesar de estar acostumada a ver ingratidão, chorou tantas lágrimas a ponto de, também, se lhe queimarem as vistas. Por fim tiraram uma conclusão: a maior dor e a maioria das mortes e da difamação acontecem por causa de invasões bárbaras na intimidade das pessoas, das comunidades e das nações.

Por fim Tanatiusca brincalhona declamou para Biotiusca:

*— Sabia que em remotas praias de ouro
Era seu um recôndito tesouro
E isso aliviava a sua adversa sorte?*

— Lembro não, respondeu a senhora da vida. Me curei dos esquecimentos. Declamo para ti, sua desavergonhada e fedorenta velha. Deixe-me rir que é a minha vez:

*Também, em ti em longes praias de ouro
Te aguarda incorruptível teu tesouro
A vasta e vaga populosa morte.*

Ainda bem que em nós não se apaga a poesia de Borges, riam, em coro, uma da outra.

Biotiusca, por fim, olhou-a ressentida. Sabia de Tanatiusca ao se referir aos eventos do oriente e do ocidente, pra lembrá-la de Bertoldo imitando o ingrato Genghi. Preferiu Lisa, Marta e Invidia.

— Ficas quieta sua inútil!, Bioti gritou ao vento.

TANATI DEFENDE SUA FUNÇÃO

— Tu não vales nada, só sabes trazer o último suspiro e a última palavra, declarou Biotiusca.

Tanatiusca não esperou um minuto. Compreendia que o tempo é presente raro.

— Aliás, cada segundo é um caminho para mim, dizia. Não posso esperar, por isso a resposta é imediata, quando me desafiam a provar minha utilidade. Sou a medida certa para caber mais gente nesta gaiola prendedora de vidas, nesta bolinha, a terra pequena e linda, comparada a outros mundos; bolas chutadas a esmo, conhecidas, sem justificativas de criação e as desconhecidas. Impressionante a proliferação dos filhos de Bioti. Se eu não estivesse presente haveria tamanha confusão a ponto de haver graves desentendimentos. Não fosse minha participação na justiça a vida ficaria na mão de poucos.

E a literatura... Meu reino preferido. Todos os escritores escrevem para não morrer. Desse jeito conseguem viver pelas palavras. E todos os leitores conversam felizes com eles. Por isso são imortais.

Meu amigo Saramago prova, em ficção, a necessidade da minha importância. Tomo, por exemplo, o que ele diz em *As Intermittências da Morte*.

Foi falar estas palavras para Bioti abrir a boca palradora:

— Que gabolice é esta de se achar tão importante?

— Se estivesse ausente mais ou menos por vinte ou trinta anos, todos pediriam a minha presença. Sou inevitável.

— Tenho minhas dúvidas.

— Então me diga, o que seria dos médicos, hospitais, farmácias, laboratórios, cartórios, casas de longa permanência e outros bilhões de pessoas se ninguém morresse? As casas se entupiriam de gente, as ruas não suportariam os carros, os governos não suportariam o peso das aposentadorias e, possivelmente, o índice de suicídios a assassinatos aumentariam, sendo este o único meio de haver a morte. Era filho matando tataravô, mulher matando marido e filho matando o pai. Casa cheia é lugar de violência. Pra ver: quando se visitam por muito tempo, já desejam que saiam os visitantes. Ficam falando: é bom quando vem, melhor quando vão. Imagine, ficando por período indeterminado.

— Olhando-se assim, tu serias desejável, mas a maioria preferiria ficar comigo. Sei lá por quanto tempo...

— Acredito, mas todos pedem compaixão por um olhar de amor, sendo breve a vida. Imagine se minha ausência se estendesse por mais tempo.

— Acho que até eu não suportaria o peso da vida.

Não é só isso que conta a meu favor.

— O que mais tens a dizer?

— Que me solicitas, constrangida, te falo. Tu sabes que minha presença é um apelo para a humildade. Bem mais: contribuo para a santidade, para o encantamento e as artes. Se não fosse eu, o mundo da espiritualidade iria por água abaixo. Ninguém quer somente a vida. Todos querem transcender. Ir além. Mesmo quando a violência se instala, surgem aqueles amigos da maior liberdade. Vivo cercada do temor, do medo, da tristeza e outros amigos. Por falar nestas forças, o mundo se torna mais protegido. Imagina se nas estradas eu não inspirasse medo. Se nos ares não houvesse temor. Se os inimigos não me

olhassem, o que aconteceria? Tu, dona Biotiusca, ficaria bem à deriva.

— Nossa Senhora, mãe do filho morto, o que seria este mundo para muitos, sem a morte do filho de Deus?

— Pra ver a importância de minha atuação. Até Deus precisou de mim. Fique sabendo que a maior solidariedade é devida à minha figura. Sou a cavaleira da bondade. Sou aquela que reclama compaixão e intimidade. Sou aquela dos apelos infinitos para o perdão e a paz. Sou a salvação das famílias: sem mim a moralidade não se estenderia no compromisso prometido. Ninguém quer perder o prometido. A solidariedade é minha irmã. Aqueles que se amam buscam ser mais por minha causa. Não querem morrer sem importância. Por mim, um dia, todos se entregam concedendo lugar aos outros. Enfim sou aquela que promove a busca de um sentido para a vida, para não se entregar sem razão. Muitos choram, mas, no fundo, agradecem a liberação de espaços aos vindouros. Os mortos querendo ou não, me saúdam: *morituri te salutant!* Quando os gladiadores diziam, ao imperador romano, *os que devem morrer te saúdam*, vibravam as arquibancadas romanas. Ouço todos os dias as mesmas vozes dirigindo-se a mim. Hoje, ainda bem que sublimaram minha presença. Os gladiadores trocaram a espada por bolas e outras artes de matar, por brincadeiras.

— Se assim é, assim será, que devo dizer, senão seres tu minha companheira? Entretanto prefiro ser como sou, movendo meus pulmões e vendo o saudável respirar de tanta gente. Quando chega o fim, o melhor a se fazer é estender a mão àqueles que não mais se sustentam sozinhos. É a bondade necessária aos que não ficam mais comigo.

— Disso não retiro meu elogio. Não te esqueças que te faço mais viva e por mais tempo com minha participação.

Assim poderia concluir a história das velhas senhoras, mas...

BIOTIUSCA SE PÔS A PENSAR

À medida que perco as forças por causa dos costumes, torno-me também menos rápida e não sei se por bondade ou por ir mais devagar, com perdão sempre na algibeira, me vejo mais generosa. Então, divago conversando sobre mim e Tanatiusca. Dirão alguns: assim faz por não ter o que fazer, ou melhor, parecendo deixar a coisa andar sem muita ética, nem vendo muita diferença entre os feitos, desfeitos e os eitos a fazer e a não fazer.

Por conviver intimamente com Tanatiusca, me afeiçãoi a ela. Com austeridade; por vezes, trágica em seus ofícios, mal consegue decifrar todo o fim de gente esperançosa e desesperada. Não se morre esperando coisa melhor. Vejo minha velha amiga como mãe a colher o tempo de cada um. Pergunto no transe ou brinco: deu pra ti, mas ninguém responde. Dizia de duas razões de sua inarredável presença: uma diz respeito à questão de justiça, todos sabem do destino final. Parece até que meu destino é ela. Por outro lado, o último suspiro, muitos deles precipitados, é por minha culpa. Abusos de poder, egocentrismo, temeridades, onipotência e prazer, dão conta de finais antecipados. Reclama muito quando falo pra ela: tem um tempo que, não adianta espernear, perde os poderes sobre as moiras.

Tanatiusca aprecia contar-me a história do pato e da morte.

O patinho nadava feliz em seu lago, limpo de misérias. Havia a alegria líquida balançando seu corpo. Assim distraído, sem nada mais que a límpida água, percebeu uma sombra que estava ao seu lado. Perguntou, assustado, pelo dono da sombra. Ela respondeu:

— *Sou a morte!*

O pato já tremia de medo, julgando que ela viera buscá-lo.

— *Não fique desse jeito, ela disse-lhe, agora visível e em forma de uma simpática patinha. Eu sempre estive contigo.*

Desenhou-se uma amizade. Veio a noite, sem demoras, e foram dormir debaixo de uma pitangueira. Como fazia frio, a patinha enlaçou-o em suas asas para que tivesse um sono bom e a noite menos fria.

Amanheceu. O pato acordou-se muito contente porque a morte ainda dormia, não causando mais temor. Reconhecia nela uma companhia de seu cotidiano, fazendo com que apreciasse ainda mais a vida. Mas depois, noite ainda mais gelada, ao amanhecer, a morte percebeu que o pato já não vivia. A morte, por um bom tempo, alisou-lhe as penas arrepiadas. Levou-o até ao lago, depositou-o sobre as ondas dizendo:

— *São coisas da vida!*

— Podes parar, Tanatiusca! Essa história tu repetiste milhares de vezes, me culpando pela morte no mundo.

— Quem falou não fui eu, dona Biotiusca! Quem diz é o narrador da história.

— Dissimulada, desavergonhada! O patinho morreu de velho, bem a gosto de tua dita justiça. Tem mais, falo agora o que antes deixei de dizer: até foi um tal de doutor Freud quem diz haver uma força de atração igual ao poder de fazer viver, és tu Tanati, a quem chamam de a miudinha. Para muitos, tu atraís tanto quanto o meu poder. Não me venhas com o papo de apenas te dar ao desfrute de fechar os olhos ou retirar o último ar. Dizer que sou

responsável pelos descuidos e coisa e tal, que minhas intemperanças produzem o fim, mentira! Tu chamas para o fim até aqueles que apreciariam viver, mas praticam o suicídio por não suportarem dores íntimas, achando no morrer a salvação. Assim, para retirar o sofrimento mortal, se veem na obrigação de findar. Na tua impiedosa obrigação, tu carregas o instinto de acabar com tudo. Vais além do princípio do prazer, carregas o prazer pouco recomendável: o de matar e morrer. Até no olho da criança ciumenta, vejo o instinto de matar. Isto quem diz é Santo Agostinho.

— O que é isso minha gente, Biotiusca está louca?

— Sim, bem louca. Tu penetras as instituições, pessoas e nações. Quando olho pilotos nos ares com tecnologias mortíferas, levados pelo poder de acertar os alvos, vejo neles quase um prazer semelhante ao orgasmo. Quando uma ofensa é retribuída com maior agulhão, o ofendido busca o ofensor mais do que o marimbondo caçador de aranhas, onde põe os ovos para alimentar seus filhos. No caso, os filhos do ódio humano. Erguem-se hinos de louvor aos assassinos dos ares. O que foi aquilo quando mil aviões se divertiam destruindo Dresden, quando a guerra fora vencida.

— O prazer não vem de mim. Sou quieta, muito quieta. Sou como as mães quando levam as crianças pra dormir.

— Tu me tiras do sério. Me vem a impaciência maior por ver Passo Fundo celebrar a matança em Pulador. Gente e mais gente se mobiliza para celebrar, num grande teatro, as degolas e as feridas de maragatos e chimangos. Se peleassem por alguma razão! Eram peões em obediência aos seus chefetes. Que sonhos

carregavam? Ou peleavam pelo enfado do cotidiano? Acaso sabiam por que se matavam os lenços brancos e colorados? Nada mais nada menos, como os gaúchos de Borges, dançavam entre gritos, espadas, facões e escopetas. Acaso não sabias o que fazer com a vida e, por isso, fazem o elogio da morte? A degola está sendo festejada. Os cavaleiros convidam todos mundo para apreciar os faconços, a barbárie! Buenas, deixem que peleiem do jeito que sabem pelear. O que tenho de me meter em suas escaramuças? Que se danem os que saúdam a morte e seus heróis. A morte nada é para mim. Que se divirtam com os macabros teatros. Aquilo que foi dissolvido não possui sentimento e o que não possui sentimento não me importa. Muito menos a mim que aprecio as vibrações para a vida. Depois, Tanatiusca ainda dizes ser justa?

— Sou porquanto sou para todos. Não por mim. Apenas cumpro meu destino.

— Vai falando...

— Somos velhas senhoras. De fato, sou velha, muito velha, nasci contigo, senhora da vida. Me enfado com a violência apreciando a tua fala: a morte tem seu garbo para os brutos. Uma atração doentia acerca muitas pessoas parecendo se alegrarem com os desaparecimentos. Trago para mais perto Jorge Luis Borges: exímio narrador da precariedade da vida nos campos do sul. Escuta essa:

Dois bandidos possuídos de antigos ódios um pelo outro, em vez de serem levados à morte por seus crimes foi lhes dada a oportunidade de pelearem, vencendo aquele que ferido de morte conseguisse andar mais longe. O prazer de brutos homens condensava a luxúria como se

fosse coito assistido. Pardo e Cardoso é que eram os valentes.

Pardo, vaidoso do que ia fazer, caprichou na mão e deu um corte vistoso que ia de uma a outra orelha. O correntino contentou-se com um pequeno talho. Das gargantas brotou um jato de sangue, os homens deram uns passos e caíram de bruços. Cardoso, na queda, estirou os braços. Ganhara a corrida, e talvez jamais soubesse disso.

O prazer de matar é teu, dona da vida! Depois eu é que levo a culpa.

Mais detesto quando irmãos por razões despóticas se matam como se matassem formigas.

Dessas grosserias humanas muito se estimulou no Rio Grande do Sul durante a revolução federalista. Um onipotente Júlio de Castilhos e outro Gaspar Silveira Martins, longe dos entreveros e degolas, se divertiam com as mortandades. A morte tinha solenidade e admiradores. Irrita-me pensar sobre quem faz molhar a terra com o sangue de seus filhos. Mais me irrita quem celebra a guerra, julgando elogiar grande coisa. Se acaso o ser humano não for capaz de usar a razão e a palavra para repensar seus modelos de governança, que ponham cães para se matarem. Por certo, aparecerão os defensores dos animais, preferindo que se matem os homens, uma vez que os cães não têm culpa do fracasso humano. Terra é para se morrer em paz e dizer o que Cecília disse pela morte de sua avó:

*porque estás encostada à terra fresca,
e os teus olhos não buscam mais lugares
nesta paisagem luminosa
e as tuas mãos não se arredondam mais
para a colheita nem para a carícia?*

Biotiusca se defendeu intensamente:

— A morte pode aparecer bem antes de se mostrar definitiva. Depois não venhas, Tanatiusca, falar grosso dizendo que tudo é culpa minha e que você é a mais simples, a mais pura, a mais ingênua. Não se morre apenas quando se fecham os olhos ou a boca. Morre-se mais quando se perdem os amigos ou quando não se tem mais o que dizer ou alguém importante para escutar, ou, quando queremos trazer de volta a palavra e a memória não oferece mais a vida das palavras. Então, neste momento de sol puro confesso que mais se morre na vida que na morte. Não me escuso de culpa. Persigo a solidariedade *O silencioso coração depende dos meus sentimentos, que dependem de minhas ideias, que dependem das falas dos outros, que dependem dos livros, que dependem dos autores e estes dependentes da ordem e da desordem do mundo. Pensei, em minha parca filosofia: esta energia que perpassa todas as coisas poderia chamar-se meu Deus. O fio da meada que concede as disposições conjuntas e atravessa tudo com harmonia, posso chamar de meu Senhor. Assim faltando livros, autores e os outros, falta-nos a divindade. Assim se expressou dona Biotiusca. Assim sendo, quando os sentimentos, as ideias, as falas, os livros, os autores, as circunstâncias falecem, morre-se.*

As duas velhas se moveram para Bertoldo, o homem das luzes de Singapura, agora, quase falecido falando como um filósofo:

— É sabido de cor e salteado por vocês, prestadoras de favores iluminados, que o valor de tudo está na comunicação. Todos sabem que a dor da morte é medida por aquilo que o falecido for capaz de comunicar. A

interrupção é que dói. Fica-se a perguntar e ninguém responde. Mais ou menos assim: e agora, para onde vou? Quem tomará conta de minhas palavras e de meus sonhos? As palavras e os sonhos são obscuros ou indiferenciados sem o esclarecimento de companheiros. Ficamos perdidos assim como estou porque não prestei atenção às mulheres de minha vida. Não somos mais os mesmos. Ficamos, em última análise, com saudades de nós mesmos, que também desaparecemos. Não falo mais. Estou cansado.

— Aconselho que durmas, falou Tanatiusca.

— Agradeço tua opinião, temo o meu sono.

Ambas riram, entendendo Bertoldo.

DÍALOGO COM TANATIUSCA

Para aliviar o medo persistente de Bertoldo veio Tanatiusca com um sorriso consolador.

— Eu velha, respeitadora das leis da natureza, apenas cumpro a ordem final de todo ser vivo. Medo de que, Bertoldo? Veja bem: até tu andas se desligando. As conexões do pensamento, ainda existentes, mal conduzem a comunicação. Parece que Biotiusca te favorece com um fio de linha. Tuas mãos mal costumam e o carretel é de fio mal feito. Os teus sentimentos desaparecem. Te acolho em meus braços como a um filho.

— Simone Beauvoir afirma que a morte, mesmo consentida, não deixa de ser uma violência indevida.

— O que sabe ela da verdade humana? Sempre viveu pessimista parecendo um urutau. Essa é a verdade dela, Bertoldo.

— Tu me fazes lembrar do tiro que levei. Via a chuva que caía ao amanhecer, mesmo tendo meu ombro sido ferido de morte. Ainda assim, admirava a suave conversa da chuva. Quem brinca com a própria quase morte possui certa autoridade de rir dos outros. Pode-se até rir com o comentário de dois *miseri coloni* que velavam a morte de um amigo assassinado, que amara a mulher do próximo, cujo marido não apreciava aquele amor.

— É, piu belo que un oseto¹!

— Si, Si, ma morto con la schopeta!

— É vero! l'amore é molto pericoloso!

— Deixe-me rir, Bertoldo. Você fala sabendo dessa verdade, observou Tanatiusca.

¹ passarinho

— É vero! Parece haver, um certo lirismo na pior das perdas. E ali diante do aparente nada, no auge da ausência, pode haver uma nova presença. Diante disso, Claudel, o entusiasta da ressurreição, ao dizer ao amigo Sartre sobre as possíveis novidades aos velados, ouviu: Ver-se-á. Ver-se-á!

De todo jeito, dona Tanatiusca: se tiver a Deus pedirei, olhando a sua infinita face: por mais bela que tenha sido a minha morte, me dê de volta a vida.

— Vai nessa. O poder divino respeita a natureza. Tanto é o respeito a ponto de não interferir na violência humana ainda que se matem aos borbotões. Quando os homens e as mulheres perdem a cabeça, nem Biotiusca consegue segurar o sangue derramado. Aí sim, dou razão às lágrimas.

— Vivamos em paz e tiremos razões para sorrir. Ouça então, dona Tanatiusca, dia desses a Invidia, minha querida mulher, solicitou ao meu médico uma cineangiocoronariografia. Ao fazê-la, a enfermeira assistente exclamou, Jesus, ao ver os ateromas fechando os meus vasos. Não me abalei, em tom quase festivo falei: sei que sou um bom sujeito, mas não sabia que dava pra ver Jesus morando nas regiões periclitantes do meu coração.

AS DUAS NA BARCA DO INFERNO

Por fim, não satisfeitas com o silêncio, foram tomar uma dose para aquecer a alma.

— Pois não é que tive uma ideia, Biotiusca.

— Me arrepio toda só de pensar em tuas ideias.

— Durante o velório do Bertoldo, lembrei de Gil Vicente, no *Auto da Barca do Inferno*. Quando o diabo e o anjo dividiam as almas entre si, assim falava o diabo com um político traidor da pátria:

Político — Oh da barca! Oh Demo barqueiro! Quero já voltar ao mundo. E trazer o meu dinheiro.

Diabo — Entra logo nesta barca, entra! E remarás! Não percamos mais a maré! Pelo que fizeste, cá entrarás! Irás servir Satanás porque sempre ele te ajudou.

Político — Oh triste de mim... Quem me cegou?

— Que coisa boa se aqueles que vivem do sofrimento alheio morressem em danação, senhora Tanatiusca e, se, em vida, pudessem reparar os pecados cometidos.

— O que vejo hoje: eles sendo perseguidos por policiais da pátria e condenados pela barca do povo brasileiro. Infelizmente alguns deles são amados. E não me venham dizer não haver pecado só em alguns partidos. Que os tenha satanás para julgar.

— Querida senhora da morte, não sei se vivem ou se morrem tais míseros mortais. Não sei se merecem viver ou se merecem morrer.

— Vejo outros viventes em situação menos horrível. São aqueles que vivem mal na estação do inverno. Deixam de viver e como mortos passam os dias enquanto o vento

sul gela as orelhas. Dizem a toda hora, quando chegará a primavera?

— Amiga Tanatiusca, também te entrego quem está de pensamento pequeno ou de ternura acabada. Deus, por certo vomita de sua boca quem for tão verme como uma minhoca na terra. O que dizer daqueles que em vida estão cansados, não ouvindo clamor algum? Nada lhes aguça a sorte de ver, ouvir e fazer alguma coisa interessante.

— Basta o que tenho. Podes ficar com eles, senhora da vida. Não reclamo o que não me pertence. Me basta os senhores das guerras. Que vivem em fundas cavernas esquecendo-se de mim. São tantos aqueles que retiram a vida de ricos e pobres, fazendo riqueza no prazer de roubos e de drogas letais.

— O que me dizes daqueles que do amanhecer ao anoitecer vivem de mau humor. Dos impertinentes? E dos outros, que nem a vida nem eu, nem tu querem saber?, perguntou Biotiusca.

A resposta não foi dada por Tanatiusca por causa da conversa triste. A palavra não mais seria razoável.

Assim, foram conversando sem qualquer alegria. A morte não querendo receber quem andasse sem respeito ou bem querer e a vida desprezando quem fosse de pouca alegria ou de nenhuma solidariedade.

Em tudo havia semelhança com alguns personagens de Gil Vicente, no *Auto*: não merecendo nem o céu, tampouco o inferno. Nem o anjo queria, nem o diabo os desejava.

MORITURI TE SALUTANT

— Bastam poucas palavras para entender o triste fim de Bertoldo. O viajante das distâncias, finalmente, encontrou a ti Tanatiusca. Pois é, Marta deixou tudo para amar Bertoldo e ele não reconheceu o seu amor, tampouco o de Lisa e o de Invidia. São coisas da imprudente velha da vida. O mal de Biotiusca é viver de conflitos, perdendo-se na comunicação. Por isso o mistério do ombro ferido de Bertoldo. Quem há de saber em quem mais doeu a indiferença. De fato, poupa-se Tanatiusca de qualquer culpa. Em narrativa posterior, por tempos indeterminados, fala-se de Bertoldo e sua múmura conversa com a velha mãe a buscá-lo. Invidia tomou a sua mão, ajudando-o a morrer. Ela rezou para afastar qualquer culpa: nenhum dia brilhe mais que o dia de amanhã.

Invidia, em tudo semelhante a uma mulher tosca, ocultava a culpa; enquanto o ciúme comia a frio. O enigma persistirá para sempre nas palavras das despedidas: nenhum dia brilhe mais que o dia de amanhã, querido Bertoldo.

Jamais alguém poderá avaliar o resultado do amor do marido e de outros demônios na vida de Lisa e Marta e da Biotiusca. Estranhavam a fala dissimuladora de Invidia enquanto Biotiusca calava. Por mais que duvidassem, as duas firmaram amizade por se sentirem desprezadas. Enquanto fervilhavam comentários sobre o fim de Bertoldo, Tanatiusca passou a mão sobre os olhos de Bertoldo, chamando-o de meu filho.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

projetopassofundo@gmail.com
www.projetopassofundo.com.br



Agostinho Both é autor de obras literárias e acadêmicas. Participou em diversos livros e revistas voltados para temas regionais e, particularmente, sobre o envelhecimento humano e talvez, por isso traz tão fortemente a velha senhora Bioti e a velha senhora Tanati. Agostinho tem o prazer de escrever romances, contos e crônicas mostrando de maneira livre seu pensamento sobre a realidade regional e da vida que o cercou. Possui estilo livre de preconceitos acadêmicos. Sua bagagem de pensador e professor faz com que penetre de maneira alegre, crítica e sensível sobre a cultura tão contraditória sempre entre a vida e a morte. Acima de tudo, Agostinho conversa pela boca das velhas senhoras, ora se divertindo ora se alegrando, ora em funda compaixão nesta criação literária.

Tanatlusca convidou Blotlusca para tomar uma cerveja depois das reflexões antes referidas. A senhora da morte tomou o primeiro gole dizendo: - Tenho a meu favor uma questão importante, senhora Blotl, as mudanças rápidas nos velhos costumes põem em perigo a vida. O mais engraçado: muitos costumes pegam rapidamente. As medidas da exatidão nem sempre prevalecem. - Mas do morrer é coisa de louco, se externou Tanatlusca. Não me refiro somente às mortandades físicas. Falo também das mortes afetivas.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



788583

9